Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 12.9.2022 / Diário / Ano 158.º / N.º 56 027 / €1,50 / Diretora **Rosália Amorim** / Diretor adjunto **Leonídio Paulo Ferreira** / Subdiretora **Joana Petiz**

UCRANIANOS SONHAM COM VIRAGEM DECISIVA AOS 200 DIAS DE INVASÃO

PÁG. 17

Moscovo disse que a retirada de Balaklia e Izium foi planeada, mas o abandono de veículos e pertences indica outra realidade.

AFP

GOVERNO PROMETE NOVAS MEDIDAS CONTRA CRIMINALIDADE VIOLENTA

SEGURANÇA Secretária de Estado da Administração Interna, Isabel Oneto, admite "maior severidade da criminalidade", um dia depois de tiroteio no Almada Forum ter obrigado à evacuação parcial do centro comercial. Existe já nomeada, pelo executivo, uma comissão que está a analisar o fenómeno e a estudar respostas. PÁG. 10

SYLVIE FIGUEIREDO

"A quantidade de cocaína é de tal ordem que os traficantes vão procurar todas as portas de entrada"

PÁGS. 4-5

BERNARDO FUTSCHER PEREIRA

"Salazar não queria solução política para as colónias"

PÁGS. 24-25

A GARANTIA DE ANTÓNIO COSTA

PS "dá a cara", não baixa os braços e quer "lutar e vencer"

PÁG. 6

ENSINO SUPERIOR

Portugal com um mestrado em Gestão no top 15 do mundo

PÁG. 14

DIOGO RIBEIRO

Os números que explicam o enorme potencial físico do fenómeno da natação portuguesa

PÁG. 22-23

EDITORIAL
Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

Carlos III e os sinais dos tempos

Foi ainda no tempo do seu pai, Jorge VI, que a Grã-Bretanha perdeu a Índia, considerada a joia da Coroa, mas foi já durante o reinado de Isabel II que o Império desapareceu mesmo, sobretudo com a vaga de independências africanas a seguir à do Gana em 1957. Hoje, do tal império que na Era Vitoriana se dizia que nele o sol nunca se punha, restam apenas confetis, como Gibraltar, as Falkands ou Pitcairn.

Mas evitando os traumas das descolonizações francesa (Guerra da Argélia) ou portuguesa (três frentes de guerra em África), os britânicos conseguiram construir uma comunidade de países de língua inglesa, a Commonwealth, com mais de meia centena de membros. E, além das quatro nações do Reino Unido, Isabel II manteve-se monarca ainda de 14 países, como o Canadá e a Austrália, a Jamaica ou a Papua-Nova Guiné. Ficou sempre a sensação de que dependia muito da própria rainha este excecionalismo em termos de chefe de Estado aceitado por povos tão diferentes, alguns com evidentes raízes na Europa, outros nem por isso.

Com a morte de Isabel II reabre-se a questão do futuro da Commonwealth, cujo modelo é muito fluido. Mas sobretudo especula-se sobre a manutenção do agora Carlos III como rei de tantos países distantes, até porque a sua popularidade não é comparável à da mãe. Antigua e Barbuda já anunciou um referendo sobre a transformação em república, e na Austrália o primeiro-ministro falou sobre a questão da monarquia, mas para dizer que não seria no seu primeiro mandato que algo aconteceria e que o atual sistema constitucional é para ser respeitado. Pelo menos para já, diríamos, tendo em conta o republicanismo assumido de Anthony Albanese.

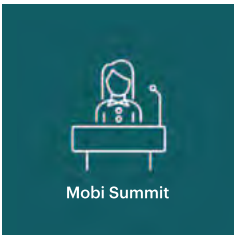
Monarca que reina mas não governa, Carlos III sabe que muito em seu redor terá que ver com o simbolismo do cargo e da forma de o encarnar. A própria unidade do Reino Unido, com as ameaças de secessão da Escócia e da Irlanda do Norte, será um assunto dos próximos tempos, mas problema mais dos políticos do que seu, pelo menos em termos de responsabilidade. Já sobre a coroa manter-se tão global, é provável que venham aí tempos difíceis, na verdade tudo o que se passar a nível da Commonwealth terá que ver os sinais dos tempos, pois mesmo com Isabel II viva os Barbados tinham no ano passado adotado a república e outros países também já o tinham feito antes. Não será culpa de Carlos III se um dia tiver menos povos a tê-lo como rei.

FOTO 1944

Uma homenagem feita em fevereiro de 1944 a Egas Moniz pelos seus alunos, no decorrer da sua aula no curso de Neurologia no hospital escolar de Santa Marta, em Lisboa. "Uma significativa demonstração de vivíssimo apreço pelas suas qualidades e de cientista", como assinalou o DN na primeira página.

OPINIÃO HOJE

12.9.2022

Diretora Rosália Amorim **Diretor adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira e Artur Cassiano (adjunto) **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Céu Neves e Fernanda Câncio **Editores** Ana Sofia Fonseca, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil, João Pedro Henriques e Nuno Sousa Fernandes **Redatores** Ana Meireles, Carlos Nogueira, César Avó, David Pereira, Isaura Almeida, Paula Sá, Susete Francisco, Susete Henriques, Susana Salvador e Valentina Marcelino **Fecho de edição** Elsa Rocha (editora) **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Maria Helena Mendes, Lília Gomes, Rafael Costa e João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Joana Petiz (diretora) **Evasões** Pedro Ivo Carvalho (diretor) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Mafalda Inácio, Carlos Nogueira, Paula Sá, Susete Francisco e Rui Frias **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de agosto de 2022: 6.619 exemplares.

Sylvie Figueiredo
"A quantidade de cocaína é de tal ordem que os traficantes vão procurar todas as portas de entrada"

DROGAS Investigadora e analista de crime organizado e terrorismo, Sylvie Figueiredo foi 15 anos oficial de informações do SIS nestas áreas. É professora e está agora a investigar, no âmbito da sua tese de doutoramento, o impacto em Portugal do tráfico internacional de cocaína.

ENTREVISTA **VALENTINA MARCELINO**

Portugal bateu já este ano (ainda em agosto) o recorde de apreensões de cocaína. Sabendo que a produção de cocaína mais que duplicou nos últimos anos este é um resultado expectável?
É um resultado expectável e já estava à espera de ver este tipo de valores há algum tempo. São valores normais tendo em conta aquilo que é o tráfico para a Europa, que neste momento é muito intenso, e acho que vamos ter este tipo de padrão durante uns bons anos.

E porquê?
Por vários fatores. Um é o que já referiu em relação ao aumento da produção de cocaína, tendência que vem desde 2013. Na última década a quantidade disponível duplicou, mas os mercados e os consumidores não cresceram ao mesmo ritmo. A cocaína precisa de sociedades com grande disponibilidade financeira para ser um bom mercado para os traficantes e, por enquanto, só a América do Norte, a Europa e a Austrália têm essas características. Depois, a própria globalização, os desenvolvimentos na tecnologia e nas comunicações intensificaram todo o tipo de comércio, tanto o lícito como o ilícito, e as redes especializaram-se, o que tornou o crime organizado mais eficiente.

Porque é que aumentou tanto a produção de cocaína?
Porque houve uma melhoria nas técnicas de cultivo. Com a mesma área cultivada, conseguem recolher muito mais produto, pois melhoraram substancialmente a capacidade de extrair a cocaína da folha de coca. E ainda não chegámos ao pico da produção pelo que esta tendência vai continuar no futuro.

E porquê a Europa?
É o mercado onde a cocaína permite maiores lucros. Esse é o motor do crime organizado: o dinheiro. Na América Latina, as ações policiais dos últimos anos desmantelaram os grandes cartéis, o que pulverizou os grupos e agora as células desses grandes cartéis querem continuar o negócio e precisam de novos interlocutores do lado europeu. Antes eram os cartéis colombianos e a *Ndrangheta* (organização mafiosa da Calábria) que dominavam o mercado e agora vemos o aparecimento de outros grupos como os albaneses.

No mapa do grande tráfico, como tem evoluído a participação portuguesa? Continuamos a ser porta de entrada na Europa?
Somos um ponto de trânsito, sem dúvida. Temos características geográficas que não conseguimos mudar e que nos colocam na rota direta entre os produtores, na América Latina, e os principais consumidores na Europa. A Madeira e os Açores são pontos de abastecimento na circulação transatlântica, e temos uma extensa costa que é fronteira externa do continente. Há cerca de sete, oito anos, os grupos começaram a aproximar as rotas de entrada dos mercados de consumo no centro da Europa, como a Bélgica e a Holanda. Começámos a ter apreensões de grandes quantidades nesses países e alguma redução do tráfico através da Península Ibérica. Portugal não é um mercado de consumo significativo pelo que não tem interesse para o crime organizado transnacional. Mas agora, a quantidade de cocaína disponível é de tal ordem que os traficantes vão procurar todas as portas de entrada possíveis para fazer chegar a droga.

> *"Temos características geográficas que não conseguimos mudar e que nos colocam na rota direta entre os produtores, na América Latina, e os principais consumidores, na Europa."*

Que tipo de bases de apoio têm os grandes traficantes em Portugal?
Isso é precisamente o que quero estudar. Desde há muito que existem referências da atividade de algumas estruturas criminosas no território, como é o caso das italianas. As elevadas apreensões que têm ocorrido implicam que exista aqui algum tipo de apoio. Que estruturas, que tipo de apoio e qual é o grau de implementação das mesmas em Portugal é o que é preciso investigar. O grau de implementação dos grupos é diferente de país para país.

Quais são neste momento as principais organizações criminosas ativas no tráfico de droga, que meios envolvem?
Vemos cada vez mais atores no tráfico de cocaína para a Europa. A *Ndrangheta* continua a ser a mais importante. Desde o início do século que esta máfia consolidou o seu poder através deste tráfico porque conseguiu estabelecer um monopólio com os fornecedores colombianos. Agora que tem sido um alvo intenso de várias ações policiais a nível internacional e europeu, tem perdido alguma da sua capacidade e deverá continuar a perdê-la. Paralelamente, consolidam-se outros grupos e os principais são os albaneses que são muito ativos e muito profissionais, e conseguiram quebrar o monopólio dos italianos, e fazer a ligação direta aos grupos colombianos. Já dominam o mercado do Reino Unido que é um dos maiores mercados de consumo na Europa. Vendem a preços mais baratos e não têm problemas em recorrer à violência.

A Colômbia continua a ser o grande fornecedor?
Sim. Juntamente com o Perú e a Bolívia, são os três grandes produtores. Mas quem controla o tráfico são os grupos colombianos.

Um dos maiores narcotraficantes brasileiros, Sérgio Roberto de Carvalho (major Carvalho), o "Escobar brasileiro", detido no ano passado na Hungria, viveu alguns anos escondido em Portugal, e tinha um operacional português, Rúben Oliveira (Xuxa), também detido no ano passado (Operação Exotic Fruit). Por isso lhe perguntava se há mais sinais / evidências de presença em Portugal ou ligações aos grandes cartéis sul-americanos?
Os brasileiros são, de facto, importantes. Demonstram ter capacidade de mover grandes quantidades e de forma sistemática. Penso que atuam essencialmente como transportadores no tráfico europeu. A especialização tem levado a que o processo de tráfico seja repartido entre vários grupos criminosos. O Brasil é importante porque é a principal "porta de saída" da cocaína que chega à UE. O PCC é um dos principais atores neste tráfico. Atua essencialmente a partir de lá, não penso que existam células de coordenação em Portugal. É um grupo que se estabeleceu a partir da prisão e é a partir daí que comanda as suas células. Agora, de facto, esse caso, deixou evidente que Portugal foi usado como rota para a entrada de grandes quantidades de droga na Europa.

A PJ defende que mais do que as apreensões, o que importa é deter

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

os grupos criminosos e a recuperação de ativos. Concorda com este princípio? Que resultados tem alcançado?
O crime organizado tem como objetivo o benefício material, por isso, a apreensão de bens e de capital é fundamental. Mais importante do que deter pessoas porque estas são mais facilmente substituíveis. Apreender dinheiro tem maior probabilidade de impedir a continuidade da ação criminosa: os grupos deixam de ter liquidez para pagar as remessas ou comprar mais produto, o que desestabiliza o sistema e pode criar problemas com os fornecedores. As investigações económico-financeiras são a única forma de combater eficazmente o crime organizado. Foi a forma como, no passado, Espanha conseguiu travar os clãs galegos: apreendeu barcos, dinheiro e fechou as empresas que usavam.

Várias têm sido as entidades, agências, de combate ao crime, que alertam para o enorme risco de corrupção que decorre do fortalecimento destas redes. Como é que essa corrupção acontece?
Nos últimos anos houve um grande aumento da corrupção ligada ao tráfico, e ele está presente em vários níveis. Desde logo nos portos. A grande maioria da cocaína que entre na Europa, entra por via marítima, em contentores. Há uma grande pressão sobre os funcionários dos portos que já demonstraram receio pelas ameaças de que são alvo. No porto de Roterdão, oferecem 500 para o empréstimo de 24H de um passe de acesso à infraestrutura. Em janeiro deste ano a MSC (*Mediterranean Shipping Lines*) suspendeu algumas operações no Brasil por não conseguir impedir estar a ser usada no circuito do tráfico. Isso desestabiliza a economia e tem efeitos no quotidiano das pessoas. Também assistimos a um aumento da corrupção direcionada às autoridades de controlo – fronteiras, polícias, investigadores – e aos magistrados. A corrupção expandiu-se, tal como a violência.

Os analistas do Insightcrime fizeram as contas e concluíram que "de uma perspetiva empresarial, o tráfico de cocaína para a Europa é muito mais atrativo do que para os EUA. Os preços são significativamente mais altos, e os riscos de interdição, extradição e apreensão de bens são significativamente menores". Concorda?
Efetivamente, os preços da cocaína na Europa são mais elevados, o que atrai cada vez mais traficantes. Quanto aos riscos, não sei se serão menores. A UE tem características particulares que tornam o combate ao crime mais exigente. As jurisdições e autoridades são diferentes em cada país o que obriga as polícias a um grande esforço de coordenação para conseguirem seguir o processo de tráfico desde o momento em que a droga entra no espaço europeu até chegar aos mercados de consumo. Por exemplo, se a droga entrar por Portimão, um grupo estabelecido em Espanha pode vir recolhê-la sem deixar rasto praticamente nenhum em Portugal. Isso dificulta a perceção do fenómeno pelas autoridades dos dois países. No início da pandemia, os traficantes tiveram muitas dificuldades em fazer circular a droga devido ao encerramento de fronteiras internas na UE. Foi uma realidade que nunca estimaram: que as fronteiras nacionais pudessem ser restabelecidas.

Em Portugal o tráfico de droga não está sequer entre os "crimes de investigação prioritária" na Lei de Política Criminal. Devia estar?
Há algumas matérias sobre as quais devemos mudar de perspetiva. Temos de olhar para o crime organizado como um todo. Do ponto de vista da investigação, olhamos para as suas formas de manifestação. Na PJ, por exemplo, a Unidade Nacional de Combate ao Tráfico de Estupefacientes (UNCTE) trata da droga, a Unidade Nacional de Combate à Corrupção (UNCC), do crime económico-financeiro, incluindo a corrupção, a Unidade Nacional de Contraterrorismo (UNCT), do crime violento. Em algum momento, alguém tem de saber que grupos atuam em Portugal, como atuam, quais os seus mercados e quais são as suas ramificações criminais. No caso da *Ndrangheta*, por exemplo, para além do tráfico de cocaína, o grupo desenvolve outras atividades em Portugal? Devíamos ter uma perceção mais clara dos tentáculos de cada grupo no nosso país. Nos últimos 10 anos, vários países têm adotado estratégias nacionais de combate ao crime organizado e têm estabelecido agências especializadas para o seu combate. Em França, a PJ francesa tem o SIRASCO que faz análise estratégica da informação da criminalidade organizada e grave, no Reino Unido existe a National Crime Agency (NCA). Dedicam-se exclusivamente ao crime organizado e isso permitiu melhorar significativamente o combate ao fenómeno. Quanto, ao que me perguntou especificamente, há tantos anos que Portugal sabe que é uma porta de entrada de tráfico de cocaína, pelo que é pouco cauteloso que esta investigação não seja prioritária.

> *"A situação na Europa é muito complicada e em Portugal não se devia olhar para o tráfico de droga. Devia estar na lista de crimes de investigação prioritária. O país que apresentar maior vulnerabilidade será o que os traficantes vão escolher."*

Nos últimos 10 anos, de acordo com os dados da DGRSP o número de reclusos por tráfico de droga caiu de 2075 (2011) para 1742 (2021). A que se deve esta queda? Problemas na investigação que não conduzem a condenações?
Penso que a maior parte dos detidos por droga no país estão mais ligados ao fornecimento do mercado nacional e não tanto ao grande tráfico. Portugal tem sido ativo em grandes operações europeias e mundiais. Cada vez mais os grupos atuam de forma transnacional por isso as pessoas tanto podem ser detidas em Portugal, como noutros países. O caso que referiu do major Carvalho é exemplo disso.

Segundo a Europol, "o florescente mercado da cocaína implicou um aumento no número de mortes, tiroteios, bombardeamentos, incêndios provocados, raptos, tortura e intimidação". Ainda estamos longe desse tipo de cenários em Portugal?
Acho que sim, mas não quer dizer que, de um momento para o outro, não possa acontecer. Depende do papel que o país venha a ter e dos grupos que possam vir a atuar em Portugal. Recordo que há cerca de um ano, a PJ prendeu no Alentejo dois membros da organização criminosa montenegrina "Kavac" (uma das mais violentas máfias da zona dos Balcãs) e eles estão envolvidos num conflito com um outro grupo montenegrino por causa de cocaína. Ou seja, a qualquer momento, podemos importar essa violência. Na Holanda foram assassinados (2019/2021) um jornalista que escrevia sobre crime organizado e um advogado que representava uma testemunha que ia a tribunal contra um grupo de traficantes. Chegou também a ser noticiado que o primeiro-ministro holandês estava a ser seguido pelo crime organizado. Isto são sinais de como o crime organizado já está a prejudicar as democracias europeias. Estamos muito longe da América Latina e por isso muitas vezes não temos tão presente a violência e a lesão dos direitos humanos provocados por estas organizações.

Só na Holanda, ou esse patamar de violência já se instalou noutros países europeus?
Já se verifica em vários países europeus ao ponto da Europol ter feito um relatório sobre isso em finais do ano passado. Na Holanda tem sido mais visível. Houve um grande aumento dos grupos criminosos no país, aparentemente por causa da legislação mais permissiva em relação às drogas. Em Espanha também, principalmente no sul, onde estão estabelecidas grande parte das rotas de entrada de drogas. Em 2018, em Cádis, os criminosos invadiram um hospital para ir buscar um parceiro ferido que tinha sido detido pela polícia. Em França, as autoridades têm dificuldade em agir em algumas zonas, como os bairros à volta de Paris e em Marselha. O país é o maior consumidor de canábis da Europa e um grande consumidor de cocaína. Recentemente, o diretor da polícia federal de Antuérpia afirmou que a droga e a violência estão numa espiral de tal ordem que a polícia só tenta gerir os riscos. O que mais me preocupa é isto estar a acontecer em sociedades democráticas como as nossas onde este tipo de violência não devia ter lugar. A situação na Europa é muito complicada e em Portugal não devíamos olhar para o tráfico de drogas com brandura, devíamos mantê-lo na lista dos crimes de investigação prioritária. Fazemos parte da segurança coletiva da UE e na fortaleza europeia o país que apresentar maior vulnerabilidade será aquele que os traficantes vão escolher para fazer a droga entrar.

valentina.marcelino@dn.pt

PAULO CUNHA/LUSA

Muito aplaudido, António Costa fez um discurso longo no encerramento da Academia Socialista.

Costa garante: PS "dá a cara", não baixa os braços e quer "lutar e vencer"

COMÍCIO Em Leiria, na qualidade de secretário-geral, o PM deixou críticas à oposição e admitiu: podia haver maiores aumentos de pensões em 2023, o futuro é que podia não ser o desejado.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Um Partido Socialista pronto a dar a cara para lutar "e vencer como no passado". Foi assim que António Costa caracterizou o estado de espírito atual do partido, num discurso longo, proferido no final da Academia Socialista, a *rentrée* do partido.

Em Leiria – distrito no qual os socialistas ganharam, em janeiro último, pela primeira vez desde 1974 –, o secretário-geral do PS voltou a referir que a governação tem sido marcada pelo "diabo". Primeiro foi a recuperação das medidas do período da Troika, depois "em 2019, passado pouco mais de dois meses, veio uma pandemia como não se via há 100 anos" e, agora, ninguém imaginaria "uma guerra motivada pela Rússia contra a Ucrânia". Ainda assim, garantiu, o partido não se desvia do rumo e cumpre aquilo a que se propôs: "Temos a responsabilidade de governar com estabilidade e previsibilidade. Cumprimos aquilo que prometemos sem dar um passo maior do que a perna", isto significa "manter as contas certas" e "continuar a aposta no reforço do SNS", ao mesmo tempo que o "emprego cresceu."

Referindo que "nunca foi fácil" governar com condições menos ideais, António Costa considerou que, nos últimos tempos, foram dados ao Executivo "dois sinais de confiança". Primeiro, "em duas semanas, duas agências melhoraram o *rating* do país. É muito importante. Para contas certas, não é preciso austeridade mas sim boa governação. Baixar a dívida não é só um objetivo do Estado, mas sim de todos e é fundamental mantermos esta credibilidade internacional". E, disse, o segundo sinal de confiança é o número de jovens (50 mil, o segundo maior de sempre) que, este ano, ficaram colocados na primeira fase de acesso ao Ensino Superior. "Neste tempo de incerteza, os jovens dão um sinal de confiança. É mesmo assim, que por via de avançarmos nas qualificações, teremos mais e melhores condições e as empresas terão gente mais qualificada a trabalhar", afirmou.

Com o grande adversário do momento a ser a inflação – para a qual "não há vacina" –, o secretário-geral socialista aproveitou para recuar no tempo, até ao pico da pandemia, para referir que "desde que haja bom senso" a crise que agora se atravessa será ultrapassada. Aproveitando para deixar farpas à oposição – que acusa de ter apresentado medidas "em duas voltas" –, António Costa garantiu: "É melhor seguir o que nós [Governo] fazemos do que seguir a oposição". "Primeiro, apresentam propostas no Pontal, depois através de um projeto na Assembleia da República. Se é menos do que já fizemos? É muitíssimo menos do que aquilo que aprovámos esta semana", acrescentou, referindo-se ao programa Famílias Primeiro, que tem um impacto orçamental estimado de 2,4 mil milhões de euros.

Perante o coro de críticas que todos os partidos à exceção, claro está, do PS, deixaram, o secretário-geral defendeu-se. "A oposição diz o clássico: vem tarde. Disse sempre que apresentaríamos estas medidas em setembro para podermos acompanhar a inflação e perceber se iria continuar a crescer ou se estagnaria em julho. Foi por isso que aguardámos até agora: para saber e ter a certeza que é agora que as devemos adotar", acrescentou.

Admitindo ser impossível suportar maiores aumentos das pensões do que aqueles já previstos, António Costa deixou a garantia de que nunca irá colocar em causa a sustentabilidade da Segurança Social, mesmo que a oposição dê "pancada", reiterando a promessa de que, entre o fim do próximo ano e o início de 2024 haverá um novo aumento de pensões, porque, apesar de ser fácil dar mais já em 2023, o futuro podia não ser o melhor, considerou. "Não saberíamos o que podia acontecer. Há uma coisa que sabemos: Ao longo destes anos, apesar de cumprirmos escrupulosamente a Lei de Base da Segurança Social, apesar de termos ido além desta lei de bases com os aumentos extraordinários das pensões, apesar de termos aumentado outras prestações sociais, conseguimos alargar em 26 anos a estabilidade da nossa Segurança Social", concluiu.

rui.godinho@dn.pt

"Baixar a dívida não é só um objetivo do Estado, mas sim de todos e é fundamental mantermos esta credibilidade internacional."

"Há uma coisa que sabemos: apesar de cumprirmos escrupulosamente a Lei de Bases da Segurança Social (...) conseguimos alargar em 26 anos a estabilidade da nossa Segurança Social."

"A oposição diz o clássico: [o pacote de apoios] vem tarde. Disse sempre que apresentaríamos estas medidas em setembro para podermos acompanhar a inflação (...)."

MIGUEL A. LOPES/ LUSA

Marcelo Rebelo de Sousa marcou presença no último dia da Feira do Livro de Lisboa.

PR pede que não se tirem ilações precipitadas e que se espere pelo fim do inquérito

COMANDOS Marcelo Rebelo de Sousa pediu calma antes de fazer comparações com outros casos e declarou estar em contacto com chefe do Estado-Maior do Exército.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Esperar pelo fim da investigação, com serenidade, e sem tirar ilações precipitadas ou fazer comparações com outros casos semelhantes. O apelo foi deixado por Marcelo Rebelo de Sousa, ontem ao final da tarde, numa visita ao último dia da Feira do Livro, e surge depois de, no dia anterior, o 138.º curso de Comandos ter sido interrompido pelo Estado-Maior do Exército "até se apurarem, com brevidade mas com a máxima precisão" as causas que motivaram o internamento de dois instruendos – um dos quais foi submetido a um transplante hepático.

"Tenho acompanhado a situação através do chefe do Estado-Maior do Exército, que me tem posto ao corrente. Até haver conclusões, não me quero pronunciar sobre o caso", afirmou o Presidente da República. Estando ao corrente do estado de saúde do militar, o chefe de Estado declarou ainda que, quando possível, irá visitar o recruta que "já foi operado com sucesso" e continua internado no hospital Curry Cabral, em Lisboa. Rejeitando comparar o caso a outro que aconteceu há seis anos e que resultou na morte de dois recrutas devido à intensidade dos exercícios da primeira prova do curso. "Ao que tudo indica, foi uma paragem cardíaca depois de comer e isso é diferente daquilo que aconteceu então. Vamos aguardar pelas conclusões do inquérito", pediu o Presidente.

Com o novo ministro da Saúde já empossado (tomou posse em Belém no sábado), Marcelo Rebelo de Sousa assumiu ainda não ter tido tempo para apreciar na totalidade a nova lei do Serviço Nacional de Saúde (SNS). Mas, à primeira vista, tudo indica que caminha para a convergência em direção àquilo que já havia pedido. "Tudo indica que o Governo se está a aproximar da minha visão. Qual é a minha visão? É a de que deve ser afastada a decisão política da gestão do SNS", declarou. Para isso, o Executivo prevê a criação de uma direção-executiva, algo que, assumiu o Presidente, é semelhante ao "instituto público de regime especial" que já tinha mencionado como solução para a coordenação do SNS, isto significa, portanto, que "quem toma decisões é o Governo e o ministério, mas quem gere é a instituição pública e autónoma com essas competências". Segundo afirmou, a deverá pronunciar-se sobre o diploma no final da próxima semana.

No dia em que se soube também que foram colocados quase 50 mil novos alunos na primeira fase de acesso ao Ensino Superior, Marcelo Rebelo de Sousa vê o número – o segundo maior de sempre – como "um sinal de democratização do acesso". "Quando foi a minha altura, fiz parte dos privilegiados que conseguiram entrar e concorrer para uma universidade. Um dos grandes passos tomados pelo 25 de Abril foi precisamente esse: alargar, alargar, alargar o acesso ao Ensino Superior a mais pessoas", acrescentou. O futuro passa, no entanto, por garantir agora "mais do que quantidade, uma maior qualidade do ensino" para que as gerações sejam melhor qualificadas.

Com presença garantida no funeral de Isabel II, Marcelo Rebelo de Sousa revelou que vai viajar para o Reino Unido "na véspera" das cerimónias, acompanhado por João Gomes Cravinho, ministro dos Negócios Estrangeiros.

rui.godinho@dn.pt

BREVES

Coração real voltou ao mausoléu

O presidente da Câmara do Porto, Rui Moreira, deixa para o seu sucessor a decisão de voltar a mostrar publicamente o coração de D. Pedro IV, que regressou ontem à Igreja da Lapa. "O meu mandato acaba daqui a três anos, com certeza que no meu mandato já não fará sentido. Se o meu sucessor entender fazê-lo no dia seguinte, acho que toda a gente vai aprovar", disse o autarca, após a guarda do coração de D. Pedro IV, I do Brasil. Ao longo de uma rigorosa cerimónia protocolar de 40 minutos, elementos do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto e da Polícia Municipal, com uma guarda de militares, participaram na recolocação do coração no interior da igreja, onde foi reposto no seu mausoléu permanente, fechado com cinco chaves que, como já sucedia antes, foram entregues ao autarca portuense.

Chega diz que "Constituição está esgotada"

O líder do Chega, André Ventura, afirmou ontem em Setúbal que a atual Constituição da República "está esgotada", no arranque das jornadas parlamentares do partido, dedicadas ao processo de revisão constitucional, que o partido pretende abrir neste mês de setembro. "A Constituição de 76 está esgotada enquanto modelo. Está esgotada no caminho para o socialismo que propunha, no modelo económico que propõe, na linguagem de latifúndios e nacionalizações que continua a povoar a nossa Constituição. Está ultrapassada no modelo de saúde. E todos temos visto como a saúde em Portugal precisa de um novo modelo", referiu. Na abertura das jornadas, que terminam hoje, Ventura reafirmou algumas das propostas mais polémicas do partido, como a prisão perpétua e a castração química dos pedófilos.

Opinião
Rodrigo Saraiva

A credibilidade perdida de António Costa

A estatura de um político avalia-se, entre outros factores, pela sua capacidade para gerar confiança. Este atributo não existe sem credibilidade, que funciona como cimento das instituições e é uma virtude própria dos verdadeiros estadistas. Os cidadãos, cada vez mais exigentes, sabem separar o trigo do joio.

Podemos avaliar António Costa por vários parâmetros, mas existe pelo menos um, de importância decisiva, em que o primeiro-ministro chumba em toda a linha. Refiro-me à sua falta de credibilidade.

António Costa pensa apenas no curto prazo. Nisto, ele é o inverso de um estadista. Não lhe interessa governar para a geração que vai tornar-se adulta até ao fim desta década ou libertar o País da estagnação. Em perfeito contraste com a Iniciativa Liberal, que não se resigna a ver Portugal afastar-se dos padrões europeus e tem vocação, energia e vontade de provar aos portugueses que a mudança é possível, necessária e urgente.

Costa vive obcecado com os destaques da imprensa na manhã seguinte e a abertura dos telejornais dessa noite. Vai empurrando o resto com a barriga. Mesmo à custa de importar para a política aquela vergonhosa frase ligada ao futebol: o que hoje é verdade, amanhã é mentira.

Tem-se comportado assim nos mais diversos assuntos.

No início do seu mandato prometeu médicos de família para todos os portugueses, hoje há 1,4 milhões sem acesso a este serviço essencial. O dobro do que havia em 2016.

Prometeu valorizar o Serviço Nacional de Saúde. Sete anos depois de tomar posse, o SNS está mergulhado num caos, com encerramento de urgências hospitalares, médicos e enfermeiros em migração constante para os privados e outros países e Portugal a liderar a lista negra europeia de mortes excessivas por falta de cuidados de saúde.

Prometeu valorizar o património florestal, permitindo até que um ministro se comparasse ao Rei D. Dinis, enquanto o Estado deixava arder por incúria e negligência o histórico Pinhal de Leiria, confiado à tutela pública, e via reduzir a cinzas quase um terço do Parque Natural da Serra da Estrela.

Garantiu, no debate do Orçamento do Estado 2022, que a inflação seria um fenómeno passageiro, fixando-a em 3,7%. Qualquer analista sério sabia que era um embuste. Cinco meses depois, a taxa da inflação em Portugal chegou aos 9%.

Vangloriou-se de "devolver rendimentos" aos portugueses e jurou que não haveria mais austeridade. Mas ela voltou, em forma de "cativações", um nome mais suave para significar o mesmo. E com a maior carga fiscal de que temos memória. E com uma brutal queda no investimento público, incluindo na saúde. Por isso há cada vez mais portugueses a recorrer aos seguros privados.

Costa assegurou aos cidadãos, quando venceu as legislativas de Janeiro, que a maioria absoluta iria proporcionar condições reforçadas de estabilidade política. Até nisso enganou quem confiou nele. O governo absoluto está ferido pela instabilidade. Bastaram poucos meses para estalar um conflito inconcebível entre o primeiro-ministro e o titular da pasta das Infraestruturas e para a ministra da Saúde abandonar o cargo, batendo com a porta.

São apenas alguns exemplos. Mas que servem para confirmar como a credibilidade está cada vez mais ausente do percurso deste homem que se atreveu a declarar que "palavra dada é palavra honrada". Uma declaração que funciona como lema da sua governação, mas ao contrário. A credibilidade, quando se perde, é um caminho sem retorno. António Costa perdeu-a. E já não volta. Ser hábil não é suficiente para ser credível.

A credibilidade, quando se perde, é um caminho sem retorno. António Costa perdeu-a. E já não volta. Ser hábil não é suficiente para ser credível.

Deputado Iniciativa Liberal
Escreve de acordo com a antiga ortografia

Opinião
Paulo Baldaia

Costa & Marcelo, Saúde SA

Muito antes de Marta Temido se ter demitido por causa de "um episódio de grande gravidade", mas que os responsáveis do Hospital de Santa Maria consideraram que o desfecho poderia ter sido igual se a grávida não tivesse sido transferida, já São Bento e Belém tinham decidido que a ministra estava a prazo. A verdade sobre a sua demissão está muito mais perto da perceção, partilhada pela própria ministra, de que "o sector da saúde a via mais como parte do problema do que da solução".

Por se tratar de um problema estrutural onde abundam soluções conjunturais, é natural que os titulares da pasta sejam apresentados como os primeiros responsáveis pelos falhanços e acabem sacrificados, como forma de nos convencer que o governo foi enganado. A substituição de uma ministra pode servir para pôr o conta-quilómetros a zero, mas a habilidade para vender carros velhos como se estivessem a sair da fábrica atinge nesta história um nível de profissionalismo político só ao alcance de António Costa.

Adalberto Campos Fernandes caiu num fim-de-semana, logo depois do Orçamento do Estado ter sido aprovado, e foi substituído por Marta Temido, crítica das relações do ministério com as Finanças. Os "críticos" levaram o ministro a queixar-se dos que o fazem "apenas para desestabilizar". Marta Temido é agora substituída por um dirigente do PS que ainda este ano acusava "o Ministério da Saúde de centralismo exacerbadíssimo" e criticava o fim das PPP na Saúde. Por mais palmadinhas nas costas que as televisões mostrem na hora de uns partirem e outros chegarem, substituir alguém por um dos seus críticos permite ao chefe do governo passar a ideia de que culpa nunca é dele, nem do governo que chefia, mas de quem recebeu guia de marcha.

Quanto a Marcelo Rebelo de Sousa, é evidente que se cansou muito rapidamente de Temido, uma ministra que se afirmou à esquerda e que o obrigou a intervir na Lei de Bases da Saúde para permitir as PPP e que verá agora com bons olhos a chegada de um ministro que é favorável a essas parcerias e a uma descentralização efectiva na gestão do Serviço Nacional de Saúde. A cumplicidade entre o primeiro-ministro e o Presidente da República é evidente desde que apareceu este bloco central de palácios (expressão original do agora ministro Pedro Adão e Silva), mas talvez nunca tenha atingido uma comunhão de interesses tão flagrante.

Ouvir António Costa dizer que "quem quer mudança da política tem de fazer cair o governo" não nos pode levar a pensar que o primeiro-ministro está a dizer que a linha seguida na Saúde não vai ser alterada. A literalidade no discurso político é coisa rara e, portanto, é bem provável que Costa nos esteja a dizer que Temido caiu por ter feito perigar a política de Costa & Marcelo SA, no ramo da Saúde. Aliás, a primeira escolha do primeiro-ministro para esta área, Adalberto Campos Fernandes, dizia que havia quem no PS tivesse o fascínio de fazer do partido "um Bloco 2.0". Costa acha exactamente o mesmo e quer o PS na Saúde de regresso ao centro, onde conquistou a maioria absoluta como resultado de um braço-de-ferro orçamental, com PCP e Bloco, que tinha epicentro no SNS.

A firma vai de vento em popa e, por mais erros que cometa, continua a funcionar em monopólio quase absoluto. Estamos ainda muito longe de viver a política portuguesa sem Costa e Marcelo em perfeita simbiose. É por isso que os dois arranjam sempre forma de se encontrarem ao centro. Luís Montenegro não parece ser o líder da oposição para levar a firma à falência. Será o povo ou um cargo feito à medida em Bruxelas para o sócio fundador.

Substituir alguém por um dos seus críticos permite ao chefe do governo passar a ideia de que culpa nunca é dele, nem do governo que chefia, mas de quem recebeu guia de marcha.

Jornalista

Polícia Judiciária deteve ontem suspeito do tiroteio no Almada Fórum, na noite de sábado.

NUNO PINTO FERNANDES/GLOBAL IMAGENS

Governo promete novas medidas contra criminalidade violenta

SEGURANÇA Secretária de Estado admite "maior severidade da criminalidade", um dia depois do tiroteio no Almada Fórum. Comissão está a analisar o fenómeno e a estudar respostas.

TEXTO **SUSETE FRANCISCO**

O Governo admite que um incidente como o que aconteceu na noite de sábado no Almada Fórum – um tiroteio num centro comercial, o que "é inédito em Portugal" – cria uma sensação de insegurança entre a população, e garante estar "preocupado" e atento face aos indicadores que demonstram "uma maior severidade da criminalidade".

Muito embora os "indicadores da criminalidade continuem a baixar" face a 2019 (antes da pandemia), "sabemos que há um aumento da violência, as pessoas mais facilmente reagem com recurso a armas de fogo e armas brancas", diz ao DN a secretária de Estado da Administração Interna, Isabel Oneto, sublinhando que esta situação está a ser avaliada pela Comissão de Análise Integrada da Delinquência Juvenil e da Criminalidade Violenta (CAIDJCV), um grupo interdisciplinar que tem como missão estudar este fenómeno e apresentar propostas nestas duas dimensões, particularmente no que se refere à severidade dos crimes.

A comissão começou a trabalhar há cerca de três meses e deverá terminar funções apenas em meados de 2023 mas, segundo esta responsável da Administração Interna, a intenção do Executivo não passa por esperar pelas conclusões finais, dentro de um ano, mas agir "à medida que forem surgindo medidas que possam ser tomadas de imediato". "Compreendo que as pessoas queiram respostas, é nisso que a comissão está a trabalhar. Essas medidas têm de ser estudadas, têm de ser ponderadas", diz Isabel Oneto, referindo que o objetivo é dar uma resposta integrada, e não só pela Administração Interna. A comissão junta representantes das áreas da Justiça, Educação, Trabalho, Solidariedade e Segurança Social e Saúde, além das várias forças policiais e especialistas em criminalidade.

Isabel Oneto
Secretária de Estado da Administração Interna

Um dos eixos do trabalho desta comissão é a análise da delinquência juvenil, que os dados mostram em clara tendência de aumento, que corre a par com o agravamento da violência dos crimes – ao longo dos últimos meses foram várias as notícias de esfaqueamentos e tiroteios entre jovens, sobretudo em Lisboa e no Porto. Os números do Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) relativos a 2021 mostram um aumento de 7,3% da criminalidade juvenil. Este é um dos focos de análise da CAIDJVC, diz Isabel Oneto, insistindo que é preciso olhar para o problema de prismas diversos, desde os fenómenos de urbanização que criam áreas de maior suscetibilidade, aos contextos escolares , passando pelos locais de diversão noturna e consumo de álcool – um palco onde se têm sucedido crimes violentos. "Tudo isso está a ser trabalhado", garante Isabel Oneto, sem se comprometer com prazos para medidas, enquanto reforça que o aumento do policiamento é uma das respostas, mas está longe de ser a única. "Estamos a fechar a estratégia integrada de Segurança Urbana", diz a a secretária de Estado. Um documento que, segundo afirmou já o ministro da Administração Interna, José Luís Carneiro, terá uma vertente específica para as denominadas Zonas Urbanas Sensíveis (ZUS). É preciso também dar "um novo impulso aos contratos locais de segurança", diz Isabel Oneto, um trabalho que está a ser desenvolvido com as autarquias.

Detido suspeito do tiroteio em Almada

Sobre o incidente em Almada, Oneto destaca que "quer o socorro, a polícia, mesmo os mecanismos de segurança do centro comercial tiveram uma reação imediata", evitando males maiores. O tiroteio, que ocorreu ao início da noite de sábado na zona da restauração do Almada Fórum, levou à evacuação parcial do centro comercial.

A Polícia Judiciária deteve ontem um homem por suspeita da prática de "dois crimes de homicídio qualificado, na forma tentada, que visaram um homem e uma mulher". "A pronta e rápida intervenção da PSP permitiu reter o ora suspeito. Entretanto foi coligido um conjunto de elementos probatórios que fornecem fortes indícios quanto à prática dos factos por parte do suspeito", refere a PJ em comunicado, acrescentando que os atos foram praticados pelas 22 horas de sábado "no interior de uma grande superfície comercial, local onde o suspeito disparou em direção às duas vítimas, só não as tendo atingido por factos alheios à sua vontade". A PJ avança ainda que o detido será hoje presente ao Tribunal Judicial da comarca de Almada, com vista à aplicação de medidas de coação.

Segundo informações fornecidas à agência Lusa por uma fonte da direção nacional da PSP na noite de sábado, uma menina de cinco anos foi ferida no joelho, e transportada pelos Bombeiros Voluntários da Trafaria para o Hospital Garcia de Horta. De acordo com fonte do Comando Distrital de Operações de Socorro de Setúbal (CDOS) a vítima sofreu ferimentos ligeiros. Terão sido disparados três tiros no local.

Um incidente que ocorreu um dia depois de outro crime violento na margem sul. Na sexta-feira, um funcionário de um bar em Setúbal morreu depois de ter sido esfaqueado. No sábado, a Polícia Judiciária anunciou a detenção de cinco homens, entre os 19 e os 33 anos, sobre os quais recaem "fortes indícios" da prática de um "crime de homicídio qualificado na forma consumada, de um homem de 31 anos de idade".

susete.francisco@dn.pt

Enxaqueca: a dor de cabeça incapacitante que tende a ser desvalorizada

SAÚDE Sintomas desta doença neurológica são muitas vezes desvalorizados mas as consequências podem demorar horas – ou mesmo dias – até desaparecerem. Estudo da MiGRA Portugal revela que há dificuldades no acesso aos cuidados de saúde e que a maioria dos pacientes têm de recorrer ao privado. A pagar.

TEXTO **ALEXANDRA COSTA**

D.R.

Ainda há muito desconhecimento e desinformação sobre a enxaqueca.

A enxaqueca é muito mais do que apenas uma dor de cabeça (forte). É uma doença neurológica incapacitante. As pessoas quando estão a atravessar uma crise de enxaqueca não só podem ficar incapacitadas por horas ou semanas, como enfrentam grandes dificuldades. Desde logo o grande desconhecimento e desinformação por parte da sociedade e, também importante, a dificuldade de acesso a um médico especializado e à compra dos medicamentes adequados.

Um estudo levado a cabo pela MiGRA Portugal mostra um cenário negro no que concerne à enxaqueca. 73% dos inquiridos sofrem de enxaqueca ou outras cefaleias, sendo que para mais da maioria (79%) esta ocorre em mais de 4 dias por mês. Na análise dos dados verifica-se a dificuldade no acesso aos cuidados de saúde. A prova é que 39% dos inquiridos não tem acompanhamento médico e 54% tem, mas no sistema privado. Os dados indicam que a dificuldade verificada no acesso a consultas especializadas em cefaleias no SNS acaba por levar muitas pessoas a procurarem ajuda junto das instituições privadas.

"Infelizmente a enxaqueca ainda é visto como mais uma dor de cabeça, talvez um pouco mais intensa", afirma Bruna Santos, responsável da MiGRA Portugal, que acrescenta que, muitas vezes, as pessoas também confundem os próprios tipos de cefaleias. Na verdade, a enxaqueca, como explica Bruno Santos, é uma doença neurológica que tem associada à dor de cabeça muitos outros sintomas, que incapacitam muito a pessoa. Um exemplo claro é a sensibilidade à luz, ao ruído, os vómitos, as náuseas, a pessoa pode mesmo ter alguma dificuldade de articulação do discurso ou dificuldade motora. "Estes são apenas alguns dos sintomas que, por vezes, não associamos a uma enxaqueca", reflete a responsável pela MiGRA Portugal. Com um consequente impacto a nível pessoa, do trabalho e até social.

Na verdade, quem sofre de enxaquecas tem de lidar com o desconhecimento geral do que é efetivamente a doença e os seus sintomas. O que faz com que, por vezes, a própria pessoa que padece dessa doença acabe por a desvalorizar e, com isso, não passar todo o cenário ao seu médico. Tudo isto faz com que antes de o doente conseguir efetivamente ser consultado por médicos da especialidade seja visto por vários outros médicos. Ou de durante muito tempo não ter um diagnóstico certo. Joana Ferreira, por exemplo, sofre de enxaquecas desde os seis anos de idade, mas só aos 24 começou a ser tratada por um neurologista. Quando tem uma crise tem dificuldade até em tarefas básicas como conduzir ou fazer algo em casa.

> Para além da incapacidade associada à enxaqueca há o problema de não haver uma cura.

"Como o diagnóstico é muito baseado na história clínica da pessoa – não existem propriamente exames específicos para detetar que uma pessoa tem enxaqueca – esse diagnóstico está muito dependente da forma como a pessoa explica os seus sintomas e da forma que eles são entendidos do outro lado", aponta Bruna Santos, que acrescenta que, por vezes, os próprios médicos desvalorizam alguns dos sintomas e não fazem "esta associação". No entanto a responsável pela MiGRA Portugal também reconhece que "felizmente cada vez mais isto está a ser combatido e há muita mais formação nesta área, disponível para os profissionais de saúde". No caso da Joana o problema não foi tanto o desconhecimento – a mãe sofria do mesmo mal e por isso já havia uma desconfiança de que – mas sim o facto de durante anos não ter tido médico de família. E isto faz toda a diferença, porque como refere, o diagnóstico precoce da doença aumenta a eficácia do tratamento. A verdade é que, a partir do momento em que foi acompanhada por uma especialista sentiu uma melhoria imediata. tanto que o seu principal conselho é mesmo esse: contactar um neurologista.

Para além da incapacidade associada à enxaqueca há o problema de não haver uma cura. A única coisa que se pode fazer é tentar minimizar os sintomas, preferencialmente mal estes começam a dar sinal de vida. "É uma doença sem cura, mas sem tratamento", refere Bruna Santos, que esclarece que a dificuldade passa por encontrar o tratamento eficaz, das várias opções disponíveis.

Uma doença com impacto direto na "carteira" dos doentes

Se a doença em si é dolorosa, aos inconvenientes existentes há que contar, ainda, com o "rombo" que causa na carteira. 70% dos inquiridos que têm acompanhamento médico têm-no no sistema privado. "São as próprias pessoas que suportam os custos dos tratamentos", refere Bruna Santos que acrescenta que há muitas pessoas que, pelo desespero, apesar do enorme impacto financeiro no seu orçamento familiar "continuam a procurar os tratamentos e o acompanhamento médico no privado".

E as pessoas com menor capacidade financeira? Pois que têm mais dificuldade em ter acompanhamento médico, dado que não conseguem obter ajuda no Sistema Nacional de saúde e não podem recorrer ao privado. A prova é que 25% dos inquiridos dizem ter dificuldades em suportar o valor da consulta. Ou seja, o que se verifica é que "o acompanhamento e tratamento adequado está dependente do orçamento familiar disponível". A análise dos resultados permite, também, verificar que a maioria das seguradoras não reconhecem a enxaqueca como uma doença incapacitante.

É urgente o combate ao desconhecimento associado à enxaqueca. Não só a nível individual, para que as pessoas consigam elas mesmas perceber quais os sintomas associados e, com isso, transmitir uma melhor imagem ao seu médico, à classe médica para que haja um diagnóstico mais célere, mas também ao nível empresarial. Porque a consequência da enxaqueca vai para além das horas ou dias em que a pessoa fica incapacitada, ou o custo financeiro associado ao pagamento dos tratamentos. Há também que contar com o custo para as empresas que "perdem" – embora temporariamente – um funcionário. E esse é um custo que não está contabilizado. Mas que é importante, ainda mais por que a maioria das pessoas que sofre desta patologia são mulheres na idade ativa.

dnot@dn.pt

Ilhas Scilly, o cemitério de navios fotografado por quatro gerações da família Gibson

CIÊNCIA VINTAGE Numa época em que a fotografia inaugurava um novo mundo na imagem, John Gibson principiou uma saga familiar que perduraria nos 125 anos seguintes. A partir de 1870 e até ao século XX, o registo de naufrágios ao largo das ilhas Scilly, no Reino Unido, tornou-se a obsessão de quatro gerações da mesma família.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

Nascida em 1847 na Carolina do Sul, nos Estados Unidos, Susan Dimock completou em Zurique, na Suíça e, mais tarde, na capital austríaca, Viena, o percurso académico em medicina. No início da década de 1870, já no seu país natal, Susan notabilizou-se como pioneira na medicina no feminino. A jovem foi médica residente numa unidade hospitalar na região da Nova Inglaterra, exerceu obstetrícia e ginecologia num consultório particular e empenhou-se, em 1871, na abertura de uma das primeiras escolas de enfermagem dos Estados Unidos. Quatro anos volvidos, a médica e cirurgiã foi notícia de capa no jornal suíço *Gazette de Lausanne*. A 18 de agosto de 1875, a publicação comunicava a morte de Dimock. Tinha 28 anos. A norte-americana que frequentara com louvor a Universidade de Zurique, sucumbira ao afogamento nas águas ao largo do sudoeste inglês. Susan encontrava-se entre as 372 almas vítimas do afundamento do transatlântico alemão *Schiller*. O dédalo de rochedos a oeste do pequeno arquipélago britânico de Scilly, ao largo da Cornualha, reivindicava mais um navio. A era dos veleiros, a que se seguiu a dos navios a vapor, serviu uma multidão de afundamentos às traiçoeiras correntes, formações rochosas e clima severo de Scilly. Entre os séculos XIV e XX, centenas de naves naufragaram frente à costa. Por 125 anos, quatro gerações da mesma família documentaram em fotografia mais de 200 naufrágios e respetivas operações de salvamento de passageiros e tripulações.

A 8 de maio de 1875, John Gibson, pioneiro entre os fotógrafos de naufrágios em Scilly, captou em imagem a agonia do navio a vapor alemão de 120 metros de comprimento e com mais de 3.500 toneladas de peso. Abalroado a 7 de maio, o *Schiller* viu-se fustigado pelo mar severo. Na sua viagem regular entre Nova Iorque e Hamburgo, ao transatlântico cabia-lhe escalar o porto de Plymouth, na costa de Devon. A noite e o nevoeiro congeminaram a armadilha que colheu a embarcação.

Mapa dos naufrágios em torno das ilhas Scilly.

Tresmalhado da sua rota, o vapor navegou rumo ao recorte granítico de Retarrier Ledges. Às 22h00, o *Schiller* embateu no rochedo. Ao recuar dos penedos, o capitão do vapor alemão expôs o navio ao mar revolto, com sucessivos embates na fraga. Instalou-se o caos entre os passageiros que tentavam alcançar os botes salva-vidas. Estes, em más condições, revelaram-se uma armadilha mortal para homens, mulheres e crianças. Quando a madrugada emprestou luz ao oceano ao largo de Scilly, contavam-se apenas 37 sobreviventes. Susan Dimock e as duas amigas que a acompanhavam rumo ao velho continente, Caroline Crane e Elizabeth Greene, sucumbiram às águas. Não concretizariam as almejadas férias europeias.

Nas águas e a partir da costa, John Gibson, nascido na Irlanda em 1827, entregou-se à reportagem fotográfica do afundamento do *Schiller* No manejo da máquina fotográfica, um luxo exótico da era vitoriana, formara John, na década de 1860, os seus dois filhos, Herbert John Gibson e Alexander Gendall Gibson, nascidos do casamento com Sarah Gendall. Após uma infância difícil (John fora para o mar como marinheiro aos 12 anos para equilibrar a renda da loja gerida pela mãe viúva), John instruiu-se na nova tecnologia fotográfica, abriu um modesto estúdio, o Lyonnesse, na ilha de St. Mary, para iniciar a documentação em imagem dos inúmeros naufrágios ocorridos na costa severa de Scilly. Na época, o arquipélago dava à recente arte fotográfica nomes como Francis Mortimer, exímio na captação de imagens de tempestades, embarcações e gente do mar. Por sua vez, Charles King, farmacêutico, devoto da fotografia de aves marinhas, fez das suas imagens motivo de negócio, ao produzir postais fotográficos, vendidos aos milhares.

> Num esforço físico e intelectual constante, John, Alexander e Herbert, escalavam penhascos, calcorreavam dunas, viajavam de carroça e em botes, carregados de uma câmara escura e de frágeis placas de vidro.

Em 1870, a chegada do telégrafo ao arquipélago encurtou em cerca de uma semana as comunicações entre Scilly e as restantes Ilhas Britânicas. Para a família Gibson abriu-se a oportunidade de reportar célere, aos jornais da época, notícia das recorrentes tragédias oceânicas. Num esforço físico e intelectual constante, John, Alexander e Herbert, escalavam penhascos, calcorreavam dunas, viajavam de carroça e em botes, carregados de uma câmara escura e de frágeis placas de vidro. Faziam-no numa época inicial da fotografia, cativa de sessões em estúdio. Do olhar atento da família Gibson resultam imagens atmosféricas e fantasmagóricas, tocadas pela virulência dos elementos que documentam, entre muitos outros, os naufrágios dos navios britânicos *Minnehaha* (1874) e *Bay of Panama* (1891), do russo *Aksai* (1874) do norueguês *Hansy* (1911), do italiano *SS Tripolitania* (1912), do cipriota *MV Poleire* (1970) e do alemão *MV Cita* (1997). Documentação que permitia ao clã Gibson viver com aceitável conforto financeiro. Para as companhias detentoras das embarcações, o registo fotográfico revelou-se uma prova credível junto das seguradoras e generosamente remunerado. Também o turismo crescente, robustecido pelo desenvolvimento dos transportes no decorrer da Revolução Industrial, favoreceu a demanda de visitantes a Scilly e alimentou o gosto na aquisição dos postais com assinatura Gibson.

O legado fotográfico de John encontrou, em 1901, continuidade no trabalho do neto James Gibson, filho de Alexander, exímio fotógrafo, membro da londrina Royal Photographic Society. Ainda na primeira metade do século XX, Frank Gibson, filho de James, abriu uma livraria na ilha natal, apostado na publicação de livros com o legado fotográfico da sua família. Uma saga fotográfica que despertou a atenção de autores como o escritor inglês John Fowles que, em 1974, homenageou o clã Gibson com as seguintes palavras no livro *Shipwreck*: "outros homens tiraram belas fotos de naufrágios, mas em nenhum outro lugar do mundo uma família produziu um trabalho tão consistentemente elevado e poético".

Em 2013, o Royal Museums Greenwich anunciou a aquisição de parte da coleção de fotografias Gibson, mais de 1.000 negativos em placa de vidro e perto de uma centena de fotografias originais. Entre os itens adquiridos pela instituição britânica encontrava-se o livro de registo das mensagens telegráficas endereçadas pela família de fotógrafos. Volvidos perto de 140 anos sobre o início do trabalho do seu tetravô, Sandra Gibson entregou à instituição museológica sediada em Londres o espólio guardado em caixas de madeira. Com a segunda metade do século XX, o desenvolvimento de meios de orientação oceânica mais sofisticados, aliviou o arquipélago das Scilly da fama de carrasco de embarcações.

dnot@dn.pt

O famoso questionário Proust respondido pelo Reitor da Universidade de Coimbra **Amílcar Falcão.**

"A ideia de felicidade perfeita é um conceito desfasado da realidade"

A sua virtude preferida?
Comprometimento.

A qualidade que mais aprecia num homem?
Inteligência e honestidade.

A qualidade que mais aprecia numa mulher?
Inteligência e honestidade.

O que aprecia mais nos seus amigos?
Serem meus amigos.

O seu principal defeito?
Timidez (outros resultam em grande medida deste "pecado original").

A sua ocupação preferida?
Praticar desporto.

Qual é a sua ideia de «felicidade perfeita»?
É um conceito desfasado da realidade.

Um desgosto?
Perda de um ente querido.

O que é que gostaria de ser?
Sinto-me bem em ser quem sou.

Em que país gostaria de viver?
Portugal.

A cor preferida?
Azul.

A flor de que gosta?
Rosa vermelha.

O pássaro que prefere?
Falcão.

O autor preferido em prosa?
Agatha Christie, Daniel Silva.

Poetas preferidos?
Roger Federer (poesia em estado puro).

O seu herói da ficção?
Neo (Matrix – Keanu Reeves).

D.R.

Heroínas favoritas na ficção?
Ellen Ripley (Alien – Sigourney Weaver).

Os heróis da vida real?
Mahatma Gandhi, Nelson Mandela, Albert Einstein.

As heroínas históricas?
Joana d'Arc, Marie Curie, Anne Frank.

Os pintores preferidos?
Leonardo da Vinci, Rembrandt, René Magritte.

Compositores preferidos?
Vangelis, Peter Gabriel, Phil Collins.

Os seus nomes preferidos?
Ana, Sofia, Sara.

O que detesta acima de tudo?
Inveja.

A personagem histórica que mais despreza?
Adolf Hitler, Estaline.

O feito militar que mais admira?
Desembarque na Normandia (Dia D).

O dom da natureza que gostaria de ter?
Ouvir uma música e reproduzi-la de seguida.

Como gostaria de morrer?
A dormir (tendo adormecido sem estar doente).

Estado de espírito atual?
Irreverente q.b..

Os erros que lhe inspiram maior indulgência?
Infantis.

A sua divisa?
Um por todos e todos por um.

Portugal com um mestrado em Gestão no *top* 15 do mundo

ENSINO SUPERIOR Curso da Nova SBE subiu oito posições no *ranking* do *Financial Times*. Mestrados da Católica-Lisbon e do Iscte estão entre os cem melhores. FEP saiu da lista este ano.

TEXTO **JOSÉ VARELA RODRIGUES**

Portugal tem três mestrados em Gestão entre os cem melhores do mundo, de acordo com o *ranking* do *Financial Times* (FT) de 2022 hoje divulgado, menos um do que em 2021. O programa curricular da Nova SBE está entre os quinze melhores, seguindo-se os mestrados da Católica-Lisbon e do Iscte. Este ano, o mestrado em Gestão da Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP) ficou fora dos cem melhores.

O mestrado da Nova SBE é o que mais se destaca entre a academia nacional. Ascendeu à 15.ª posição, subindo oito lugares face a 2021. Numa observação mais refinada ao *ranking* do FT, o mestrado da Nova SBE é o sétimo melhor no que respeita à perspetiva de progressão na carreira (indicador *career progress*). É também o oitavo melhor quanto a perspetivas futuras de mobilidade profissional a nível internacional (*international work mobility*). Ao nível da empregabilidade a três meses, a Nova SBE atinge uma percentagem de 96 % e na satisfação geral tem uma pontuação de 8,77.

Em comunicado, a Nova SBE diz ter consolidado o lugar no *top* mundial, "passando a integrar o grupo das escolas que pontuam acima da média". Desde 2018, esta faculdade já melhorou a sua classificação em 50 posições.

De acordo com o *dean* da Nova SBE, Daniel Traça, a faculdade que lidera é a primeira a nível nacional a atingir o *top*15 do FT. Por isso, considera que o marco "amplifica" a "capacidade de atração" da instituição, bem como a capacidade no "desenvolvimento de alunos com o poder de terem um impacto real e transformador".

O mestrado em Gestão da Católica Lisbon School of Business and Economics também está em destaque. O programa desta faculdade privada subiu 17 lugares, fixando-se na 28.ª posição do *ranking* do FT. "Esta é a subida mais expressiva entre as escolas europeias no *top* 50", nota a Católica-Lisbon em comunicado.

Há 12 anos na lista dos melhores mestrados em Gestão do Financial Times, esta é a primeira vez que o programa curricular da Católica-Lisboa ascende ao *top*30.

PAULO SPRANGER /GLOBAL IMAGENS

Mestrado em Gestão da Nova SBE estava na 23ª posição do *ranking* no ano passado.

Observando os principais indicadores, o FT determinou que a taxa de empregabilidade a três meses no mestrado em Gestão da Católica-Lisbon é de 98%, sendo que há 64% de chances do formando conseguir uma melhoria salarial nos três anos seguintes após a conclusão do curso. "É de destacar também a elevada proporção de professores (38%) e alunos (92%) internacionais, bem como paridade de género nos alunos e professores. Esta notável diversidade cultural contribui para o enriquecimento da aprendizagem e experiência académica", sublinha.

Para Filipe Santos, *dean* da Católica School of Business and Economics, a posição alcançada "é uma validação" da "estratégia de afirmação pela qualidade e rigor do conhecimento e aprendizagem". "Este resultado inspira-nos a fazer mais e melhor para formar uma nova geração de líderes capazes de ser agentes de transformação e inovação nas empresas e na sociedade", acrescenta.

No caso do Iscte, o mestrado daquela instituição alcançou a 74.ª posição, avançando 12 lugares face a 2021. É o segundo ano consecutivo a figurar entre os cem melhores.

O *ranking* Masters in Management 2022 do FT avalia e lista os cem melhores mestrados de Gestão do mundo, contemplando 17 indicadores para classificar a qualidade do mestrado e da faculdade em três principais dimensões: progressão na carreira dos graduados, diversidade e investigação e experiência internacional.

A suíça Universidade de St. Gallen e a francesa HEC Paris mantiveram-se no topo do *ranking* face a 2021. A Faculdade de Gestão de Roterdão (Holanda), a Faculdade de Economia de Estocolmo (Suécia) e a ESCP Business School de Paris fecham o *top*5 de 2022.

josé.rodrigues@dinheirovivo.pt

Top 5 das faculdades com os melhores mestrados em Gestão do mundo

2022(2021)

- **1º (1º) - Master of Arts in Strategy and International Management** | Universidade de St. Gallen | **Suíça**
- **2º (2º) - Master in Management | HEC Paris** | **França**
- **3º (5º) - MSc International Management** | Faculdade de Gestão de Roterdão, Universidade Erasmus | **Holanda**
- **4º (8º) - Master Program in International Business** | Faculdade de Economia de Estocolmo | **Suécia**
- **5º (7º) - Master in Management** | ESCP Business School | **França**
- **15º (23º) - International Master's in Management** | Nova School of Business and Economics | **PORTUGAL**
- **28º (45º) - International MSc in Management** | Católica Lisbon School of Business and Economics | **PORTUGAL**
- **74º (86º) - MSc in Business Administration** | Iscte Business School | **PORTUGAL**

Fonte: Financial Times Masters in Management 2022

CARREIRAS EM ALTA

CAROLINA AFONSO
CEO do Gato Preto
Até agora diretora de *marketing* e digital, ascende a presidente executiva do Gato Preto. Com uma carreira de mais de 15 anos na área de Gestão e *Marketing*, trabalhou no BNP Paribas/Cetelem, na Câmara de Comércio Britânica e na Listopsis/Toshiba. É professora convidada de Gestão e Estratégia no Instituto Superior de Economia e Gestão.

VANDA ANTUNES
***Chief Risk Officer* do Grupo Ageas Portugal**
Licenciada em Matemática Aplicada à Economia e à Gestão e com uma pós-graduação em Atuariado e Gestão de Riscos Financeiros, assumiu também o cargo de membro do Conselho de Administração e da Comissão Executiva da seguradora. Iniciou a carreira na Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões (ASF).

RUI PATRAQUIM
Diretor de Desenvolvimento de Negócio da Mastercard Portugal
O profissional reportará a Maria Antónia Saldanha, *country manager* da Mastercard em Portugal. Com um MBA Executivo no currículo, conta com mais de 20 anos de experiência no setor dos pagamentos, tendo começado a carreira na consultoria. Passou pelas empresas SIBS, PT Pay, MeaWallet e Kevin.

PEDRO MOURINHO
CMTV/Correio da Manhã
O jornalista sai da estação televisiva TVI, para onde tinha entrado em setembro de 2020, para assumir a função de pivot de informação e também membro da direção da CMTV. Iniciou a carreira na rádio, tendo passado pela RFM, Correio da Manhã Rádio e Rádio Comercial. Na televisão começou na RTP, em 1990. Fez parte da equipa fundadora da SIC Notícias.

RUI MANUEL FONSECA / GLOBAL IMAGENS

António Loureiro aprendeu a arte de amolador com o avô e com o pai.

Profissão em vias de extinção

A profissão de amolador está em vias de extinção e já são muito poucos espalhados pelo país. Culpa das novas tecnologias e de novos pequenos objetos acessíveis e baratos, fáceis de encontrar, que afiam facas sem grande esforço, e que desta forma retiram espaço aos amoladores. O anúncio da chegada aos locais ao som da gaita foi durante muito tempo associado à mudança do tempo. Uma mera superstição, porque os amoladores também reparam guarda-chuvas, habitualmente quando as varetas estão partidas, daí a associação à chegada de mau tempo com chuva à mistura.

António, o amolador que percorre Portugal a afiar facas e não troca o ofício por nada

DEDICAÇÃO Nasceu no Alentejo (Montermor-o-Novo), vive em Almada, mas há mais de 40 anos que percorre o país para afiar facas, tesouras e fazer todo o tipo de trabalhos. "Só deixarei de ser quando não puder mais", garante.

TEXTO **ANDREA CRUZ***

Amolador há 40 anos, António percorre o país de lés a lés para ganhar a vida com a arte que aprendeu com o avô e que só abandonará quando faltar a força para pedalar na bicicleta e rodar o esmeril.

Da gaita de beiços, de plástico e vermelha e branca a que António Loureiro chama de "apito", saem diferentes sonoridades que anunciam a sua chegada.

A melodia do amolador de 59 anos ouve-se há dias em Viana do Castelo. António sopra com força, enquanto empurra a bicicleta que herdou do pai, para que o som se espalhe por ruas e ruelas dos bairros mais habitados da cidade.

"Só deixarei de ser amolador quando não puder mais. Faço isto com muito amor e muito carinho. Não troco esta profissão por mais nenhuma", contou à Lusa, enquanto esperava por clientes.

O ofício de "pedalar em seco" para fazer rodar o esmeril, a pedra dura que afia facas, tesouras, chapéus de chuva, sombrinhas, alicates de unhas, tesouras de relva e da poda, começou com o avô, passou para o pai, depois para António Loureiro e para os dois irmãos.

"Também arranjo tachos e panelas, mas agora já não aparecem. Estão em vias de extinção como os amoladores. Se não houver força das pernas, acaba. Isto não vai durar sempre", afirmou.

Nascido no Alentejo, em Montemor-o-Novo, no distrito de Évora, António conhece o país todo graças à "arte" que chegou à terceira geração, mas que nenhum dos três filhos quis seguir. Um formou-se em enfermagem, a rapariga é tradutora de línguas e o outro é segurança.

Quando os dois rapazes "ainda eram novitos", António tentou ensiná-los para garantir a passagem do testemunho, mas os "miúdos nunca penderam" para o ofício.

"É uma profissão que não rende muito. Se se ganhar para comer, come-se. Se não se ganhar, não se come. Não é uma coisa certa. Posso andar a tarde toda e não me aparecer nada para afiar, ou se aparece uma faca ou uma tesoura dá-me três euros. É complicado, para mais para a juventude", apontou.

> A carrinha onde se desloca de terra em terra, e transporta a bicicleta com mais de 40 anos, é também o porto de abrigo para as noites. António programa cada temporada antes de partir de casa, em Almada.

A carrinha onde se desloca de terra em terra, e transporta a bicicleta com mais de 40 anos, é também o porto de abrigo para as noites. Serve para dormir, mas para as refeições António recorre aos restaurantes que já conhece e onde come pelo melhor preço.

O amolador alentejano programa cada temporada de trabalho antes de partir de casa, em Almada, no distrito de Setúbal.

Esta última campanha começou na Figueira da Foz e vai até Monção, também no distrito de Viana do Castelo.

"Depois regresso a Almada, estou uma semana ou 15 dias em casa e depois vou para a zona de Trás-os-Montes, Viseu, Vila Real, Peso da Régua, Chaves e volto para baixo, outra vez. Ando assim", explicou.

Noutros tempos, quando andava a aprender o ofício com o avô, chegava a estar fora de casa três, quatro meses. Agora o tempo que permanece em cada localidade depende de como corre o negócio. Em Viana do Castelo, por onde tem estado nos últimos dias, o negócio tem dado "para as despesas", mas nem o peso da idade o faz trocar de profissão.

"Com quase 60 anos, vou fazer o quê? Não sei ser pedreiro, não sou doutor de [fazer] chapéus, facas e tesouras. Não sei fazer nada" a não ser amolar, observou, apitando a gaita de beiços e partindo em busca de mais clientes.

Com António Loureiro, a sua oficina andante, que já teve que levar algumas peças novas, continua a rodar o país, de norte a sul, sempre à procura de clientes com facas ou tesouras para afiar.

** Jornalista da Agência Lusa*

Ucranianos sonham com viragem decisiva aos 200 dias de invasão

GUERRA Russos retiram-se de Kharkiv e deixam região às escuras após ataque à maior central elétrica. Kiev pede para os fornecimentos de armas não pararem para se chegar à vitória e à paz.

Izium esteve cinco meses sob ocupação russa.

JUAN BARRETO / AFP

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Derrotadas, as tropas russas abandonaram a região de Kharkiv, no entanto, segundo o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, deixaram uma última marca da ocupação, ao atacarem as infraestruturas, tendo deixado o nordeste do país e parte de Donetsk num apagão. Ainda assim, o momento é de otimismo e, em Kiev, acredita-se que o momento de viragem seja definitivo.

Na tarde de domingo, o comando militar da região contava mais de 40 povoações libertadas, enquanto nas redes sociais se dava conta de mais ainda, como por exemplo a norte da cidade de Kharkiv, Kudiivka, na fronteira com a Rússia. "A libertação dos povoamentos nos distritos de Kupiansk e Izium da região de Kharkiv está em curso", disseram os militares ucranianos. Estas duas cidades são os principais centros de abastecimento e logística de que a Rússia dependia por via férrea para reabastecer as posições na linha da frente no leste. Na retirada, que Moscovo dissera ser planeada, caixas de munições e material militar foram abandonados pelas forças invasoras. Com o ataque à maior central elétrica na região, o conselheiro do presidente Zelensky Mikhailo Podolyak classificou a ação russa de "manifestação de terrorismo" e "'resposta' cobarde pela fuga do seu próprio exército no campo de batalha".

O presidente ucraniano, pelo seu lado, aproveitou o momento para animar os espíritos e disse que o exército russo estava "a demonstrar o melhor que pode fazer, mostrar as suas costas". Já na Rússia os comentadores especializados nos assuntos militares, que até agora atiravam as culpas ao Ocidente ou à NATO por algum insucesso, voltaram-se para o Kremlin por este não ter mobilizado mais forças e não ter tomado outras medidas. Até Ramzan Kadyrov, o líder da Chechénia, criticou os "erros" do Ministério da Defesa russo e anunciou a criação de um "regimento especial" e de três batalhões, presume-se que para reforçar a "operação militar especial".

> "Os fornecimentos imediatos [de armas e munições] aproximam-nos da vitória e da paz", disse o ministro dos Negócios Estrangeiros ucraniano. Dirigentes alemães da coligação pressionam Scholz no mesmo sentido.

Mas a iniciativa está do lado ucraniano. Como disse o analista Jack Watling, do Royal United Service Institute de Londres, em declarações ao *The New York Times*, as forças russas arriscam-se a ser apanhadas numa série de "ciclos desmoralizantes", e os comandantes precisam de mostrar às suas forças que "não estão inevitavelmente a perder". Porém, nem Watling, nem outros analistas veem no exército russo forças treinadas e motivadas a curto prazo.

Para não perder a iniciativa, o ministro dos Negócios Estrangeiros ucraniano Dmytro Kuleba voltou a pedir mais armamento. "Os fornecimentos imediatos aproximam-nos da vitória e da paz." Uma ideia partilhada na Alemanha por duas altas figuras dos partidos SPD e FDP, da coligação governamental, que pressionaram o chanceler Olaf Scholz em declarações públicas.

cesar.avo@dn.pt

NÚMEROS

3000

Km2 Kiev diz ter recuperado 3000 quilómetros quadrados desde o início do mês, mais do que os avanços russos desde abril.

5767

Civis Oficialmente, a invasão russa causou a morte a 5767 civis, embora os números sejam muito superiores, uma vez que não estão contabilizados os óbitos de zonas ocupadas como Mariupol.

31814

Crimes Os ucranianos estão a investigar nada menos do que 31814 crimes de guerra, enquanto o governo faz pressão internacional para a criação de um tribunal especial.

80000

Soldados Há três semanas, Washington estimou que o número de soldados russos mortos, feridos e desertores poderia chegar aos 80 mil. Do lado ucraniano, o balanço apontava para 9 mil mortos.

2

Milhões A Ucrânia acusa Moscovo de ter forçado até dois milhões de cidadãos ucranianos a cruzarem a fronteira para o lado russo.

0

Reatores A Agência Internacional de Energia Atómica confirmou que, por razões de segurança, foi desligado o único dos seis reatores que estava em funcionamento na central nuclear de Zaporíjia.

Multidões para a rainha, Antigua anuncia referendo à monarquia

REINO UNIDO Cortejo em terras escocesas prova popularidade de Isabel II. Carlos inicia em Edimburgo visita às restantes nações do reino. Antígua e Barbuda planeia plebiscito.

Horas depois de Carlos III ter sido vaiado na cerimónia de proclamação em Edimburgo, o povo prestou homenagem à sua mãe.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Multidões seguiram de perto o cortejo fúnebre do castelo de Balmoral até Edimburgo, numa viagem de seis horas que passou por Aberdeen, Dundee e Perth, algumas das cidades mais povoadas da Escócia. Enquanto as homenagens à falecida soberana prosseguem, o sucessor desdobra-se numa série de audiências e de viagens. No dia em que recebeu a secretária-geral da Commonwealth Patricia Scotland e os altos comissários (isto é, os representantes diplomáticos da comunidade de nações) no Palácio de Buckingham, Carlos III ficou a saber que um dos países de qual é chefe de Estado planeia decidir se mantém a monarquia.

O chefe do governo de Antígua e Barbuda fez questão de dizer que "não é um ato hostil", contudo planeia organizar um referendo nos próximos três anos para que os eleitores daquele país das Caraíbas com cerca de cem mil habitantes decidam se optam pela república. Em declarações à ITV News, Gaston Browne reconheceu que o tema não está na ordem do dia: "Acho que a maioria das pessoas nem sequer se deram ao trabalho de pensar sobre o assunto."

Entre os mais de 50 países da Commonwealth, 15 têm Carlos III como chefe de Estado. No ano passado, Barbados despediu-se da monarquia e elegeu a antiga governadora como presidente, tornando o país caribenho num raro caso de presidência e de chefia do governo com duas mulheres. Outros países que planeiam cortar com Windsor são a Austrália – tem um ministro-adjunto para a República, mas o primeiro-ministro Anthony Albanese já disse que a mudança não se fará durante o mandato iniciado há menos de quatro meses –, Belize e Jamaica.

Um dia depois da proclamação no palácio de São Jaime, Carlos III cerimónias similares aconteceram noutros territórios, da Escócia à Austrália, da Irlanda do Norte à Península Ibérica, em específico em Gibraltar. No rochedo, coube ao governador David Steel ler o documento na varanda da residência oficial, perante centenas de populares. Steel, que foi ajudante de campo de Isabel II, recordou à BBC "a dignidade, sentido de dever, sentido de humor e amor pelo que fazia" da rainha. Cerimónias semelhantes realizaram-se na Austrália e Nova Zelândia. Em Auckland, a primeira-ministra Jacinda Ardern aproveitou a ocasião para fazer um elogio a Isabel II e à relação de afeto entre a monarca e os neozelandeses. "Esta relação é profundamente valorizada pelo nosso povo. Não tenho dúvidas de que se irá aprofundar", augurou.

> O rei viaja hoje para a Escócia, amanhã para a Irlanda do Norte e na sexta-feira para o País de Gales. Em todas as cerimónias estará a primeira-ministra Liz Truss, uma decisão alvo de reparo de vários comentadores.

Em Edimburgo, ficou claro que a monarquia não é um assunto pacífico: não faltou quem assobiasse a proclamação de Carlos III. A cidade, entretanto recebeu os restos mortais da rainha no palácio de Holyroodhouse, onde estavam os príncipes Ana, André e Eduardo. É tempo de prestar homenagem a

Quem é quem na família real britânica

TEXTO **HELENA TECEDEIRO**

CARLOS III
O novo rei será sem dúvida um dos melhores preparados de sempre para o seu novo papel. Aos 73 anos, teve a vida inteira para observar a mãe. E já prometeu seguir o seu exemplo de "vida dedicada ao serviço público". Um recado para os que desejavam – mais de metade dos britânicos segundo as sondagens – ver o seu filho William assumir a coroa. Grande defensor do ambiente, ao contrário da neutralidade que caracterizou o reinado da mãe, Carlos já causou controvérsia com as suas opiniões. Os seus grandes desafios são manter unidos o Reino, a Commonwealth e a própria família real.

CAMILLA
A duquesa da Cornualha é agora rainha consorte – um longo percurso de aceitação pública depois de ter alvo de todos os ódios devido à sua relação com Carlos, que muitos culpam pelo fim do casamento com Diana. Após a morte da princesa num acidente de carro em 1997, Carlos e Camilla (entretanto divorciada) começaram a surgir mais em público e acabaram por casar em 2005. Ao longos dos anos, a duquesa ganhou o lugar na família real. Por altura do Jubileu de Platina, Isabel II manifestou o desejo de que a nora usasse o título de rainha consorte, esclarecendo o seu estatuto quando Carlos fosse rei.

WILLIAM E KATE
Com a subida do pai ao trono, William passou a príncipe de Gales, título que junta ao de duque de Cambridge e da Cornualha (este até agora também pertencente ao pai). A mulher de William, a plebeia Kate, passa assim a ser tratada por princesa de Gales, a primeira a usar o título desde a morte de Diana. Pais de três filhos, o casal é visto como o futuro da monarquia. Já muito ativos em representação da Rainha, com os novos títulos chegam mais responsabilidades para os membros mais populares da família real depois de Isabel II.

GEORGE, CHARLOTTE E LOUIS

Aos 9 anos, George é agora o segundo na linha de sucessão ao trono. O filho mais velho de William e Kate, tal como os irmãos, Charlotte de 7 anos, e Louis de 4, passa a ser conhecido como príncipe George de Gales, devido ao novo título dos pais. A imagem de família moderna e "normal" que mostram, partilhando fotos dos filhos tiradas por Kate, muito contribui para a popularidade do casal.

JAMIE WILLIAMSON / POOL / AFP

Isabel II, num ambiente contrastante com o do centro de Londres, onde as multidões se reuniram para aplaudir Carlos III.

Hoje, o rei viaja para a Escócia e vai assistir a uma missa dedicada à rainha na catedral de Santo Egídio, na capital escocesa. Na terça-feira, enquanto o caixão da mãe irá ser transportado de avião para Londres, e depois repousar em Westminster, Carlos voará para Belfast, na Irlanda do Norte, onde irá também participar numa cerimónia religiosa. Irá, por fim, na sexta-feira, até ao País de Gales. Em todas estas cerimónias estará a primeira-ministra Liz Truss, o que foi alvo de reparos de vários comentadores. Perante as críticas, Downing Street esclareceu que Truss "não está a 'acompanhar' o rei e não está numa 'digressão'. Ela está apenas a assistir a estes cultos".

cesar.avo@dn.pt

Não faltam clientes para a rainha. "Canecas já não há"

LONDRES Corações enlutados pela morte de Isabel II geram enorme aumento nas vendas das lojas de recordações, onde já vários produtos esgotaram.

TEXTO **RITA SALCEDAS**, EM LONDRES

Jenny olha para três pratos de cerâmica com a cara de uma Isabel II já de cabelo branco e Mujeeb, londrino de origem afegã, não lhe dá hipótese de fuga. "Leve que estão quase a esgotar", atira. "Quanto custa?". A resposta é a de sempre: "Diga-me quanto dá e logo falamos". Regateios para aqui e para ali e *habemus* preço. Jenny vai levar o prato branco (também há em vermelho e azul) por cinco libras, quase seis euros, e há-de pô-lo na sala de casa, em cima de um móvel de madeira antigo que herdou da avó, com quem partilhava a admiração pela falecida monarca, e onde também mora há muitos anos uma chávena com as palavras *Queen Elizabeth II* gravadas.

"O negócio melhorou. Há muita gente a querer comprar o chá da rainha, ímans da rainha, canecas da rainha, desde o dia em que morreu. Pratos vendem muito bem", conta Mujeeb, que não perde tempo e logo se dirige a mais um cliente com a mesma conversa.

Desde manhã cedo que há um entra e sai constante em lojas de *souvenirs* na zona de Piccadilly Circus, a praça mais conhecida de Londres. Há turistas estrangeiros, mas a maior fatia é de britânicos. Sem surpresas: além de ser a suprema chefia da estrutura monárquica do Reino Unido, a família real é também um mercado fortemente acolhido por uma franja da população que vive muito do simbolismo.

Há recordações e pechisbeques para todos os gostos, entre toalhas, louças, bandeiras, caixinhas de chá, colheres e outros produtos, alguns mais convencionais, como porta-chaves, outros mais intrigantes, como uma miniatura de Isabel II com corpo dançante, ou boxers com a cara da rainha estampada – dá até que pensar que pode estar a passar ao lado de muita gente uma indústria fortíssima de roupa interior com os rostos dos chefes de Estado deste mundo fora.

DR

Produtos esgotados

"A rainha esteve 70 anos no trono e podemos mantê-la nestas lembranças. Assim, de cada vez que as virmos, recordar-nos-ão dela", conta Karly, que fez 190 quilómetros com a família só para prestar tributo à "mulher maravilhosa".

Em mais um dos muitos espaços comerciais da zona, o lojista Shahil diz que o *stock* de produtos da rainha está quase esgotado: "As pessoas adoravam-na e estão abaladas por esta grande perda, por isso vêm e compram". "Canecas já não há", e a expectativa é que a procura continue a aumentar, daí que já tenham mandado vir mais para compor as prateleiras.

Perto da Buckingham Palace Shop, a loja oficial de presentes da Casa Real, que cumpre o luto de portas fechadas e montra tapada por um pano azul escuro, a "Majestic Gifts" aproveita para fazer negócio e tem em saldo todos os produtos relacionados com a rainha. Mashkura, uma das várias funcionárias da loja, não tem dúvida do grande aumento nas vendas ao longo dos últimos dias: "Deve-se ao respeito que as pessoas têm pela rainha e ao facto de quererem alguma coisa que as lembre dela".

Três horas de comboio para trazer flores

Três dias depois da notícia que deixou a generalidade do país enlutado, ainda há quem ande pelas ruas da capital com ramos de flores nas mãos, em peregrinações até ao Palácio de Buckingham. São milhares as pessoas que enchem as imediações da residência oficial e continuam a chegar em catadupa, coordenadas pela aplaudível operação montada por agentes da Polícia londrina e seguranças afinados nas instruções.

"A rainha significava muito para toda a gente. É tudo o que conhecemos, é uma grande parte das nossas vidas. Este é um evento histórico gigante", conta Kate, que fez quase três horas de comboio, a partir de Manchester, e que agora aproveita com as filhas a nesga de sol que brotou das nuvens no parque de St. James, em frente ao palácio, um dos três grandes jardins da zona onde, por estes dias, a relva não tem descanso. Não se deixa fotografar, até porque, diz, "à rainha só interessam as palavras".

rita.salcedas@jn.pt

HARRY E MEGHAN
A morte da avó parece ter aberto a porta a eventual reaproximação entre Harry e William. Os irmãos afastaram-se desde a decisão de Harry e Meghan de deixarem de ser membros ativos da família real, indo viver para os EUA (na Califórnia com os filhos, Archie e Lilibet). Longe vão os tempos do casamento de conto de fadas entre o filho mais novo – e rebelde – de Carlos e a atriz americana, em 2018. Numa entrevista em 2021 os duques de Sussex acusaram a família real de insensibilidade e comentários racistas.

ANDRÉ
Oitavo na linha de sucessão, atrás de William, e dos filhos, e de Harry e dos filhos, aquele que os media britânicos chamada de "filho preferido de Isabel II" caiu em desgraça devido à amizade com o falecido Jeffrey Epstein. Herói da guerra das Malvinas, onde participou aos 22 anos como piloto de helicóptero, em janeiro de 2022 foi privado das suas honras militares devido à ameaça de um julgamento humilhante por agressão sexual a uma menor nos EUA. Depois de se retirar da vida pública, André, que nega as acusações, também teve que desativar as suas contas nas redes sociais.

EDUARDO
O filho mais novo de Isabel II é agora o 13.º na linha de sucessão. Conde de Wessex, Eduardo é formado em História mas fundou a sua própria produtora televisiva, a Ardent Productions, que deixou em 2002 para se dedicar a tempo inteiro aos compromissos reais. É casado com a antiga relações públicas Sophie Rhys-Jones e pai de Lady Louise e James Mountbatten-Windsor. Nos últimos tempos, Sophie tornara-se num dos membros da família real mais próximos de Isabel II, tendo viajado com o marido, os príncipes André e William para Balmoral mal soube da gravidade do estado de saúde da monarca.

ANA
Única filha de Isabel II, a princesa real é apenas a 18.ª na linha de sucessão. Tudo devido ao Ato de Sucessão à Coroa de 2013 que dá às mulheres direito igual ao dos homens como herdeiros da coroa. Mas não é retroactivo. Descrita pelos media britânico como tendo herdado o sentido do dever da mãe e o caráter franco do pai, Ana é uma apaixonada por equitação, tendo mesmo competido nos Jogos Olímpicos de Montreal em 1996. Casada em segundas núpcias com o major Timothy Laurence, é mãe de Peter e Zara Phillips. Tem cinco netos, o mais novo dos quais, Lucas, é 23.º na linha de sucessão.

CARL DE SOUZA / AFP

O presidente aproveitou as celebrações dos 200 anos da independência do Brasil para atacar o principal rival, Lula da Silva.

Bolsonaro só sobe dois pontos após comícios do bicentenário

BRASIL Oscilação do presidente na margem de erro mantém Lula confortável na frente. E confirma opinião dos analistas de que a eleição é tensa nas ruas mas entediante nas sondagens.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA,** SÃO PAULO

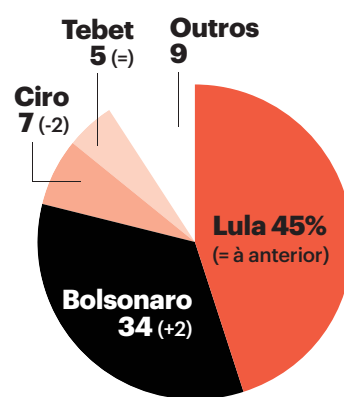
A primeira sondagem divulgada após os comícios de Jair Bolsonaro (PL) nos festejos dos 200 anos da independência do Brasil aponta para uma subida de dois pontos, de 32 para 34%, do candidato à reeleição, dentro, por isso, da margem de erro. Lula da Silva (PT), de acordo com o instituto Datafolha, manteve os mesmos 45% da última avaliação. Os dados confirmam duas ideias consolidadas dos analistas: apesar de anormalmente tensa, a eleição de 2 de outubro é a mais previsível dos últimos anos; e Bolsonaro cresce demasiado devagar para atrapalhar a liderança de Lula mas o suficiente para, à partida, obrigar a segunda volta, dia 30.

Segundo o Datafolha, que ouviu 2676 pessoas em 191 cidades brasileiras nos dias 8 e 9 com margem de erro de dois pontos para cima ou para baixo, Lula, de centro-esquerda, continua a liderar: tem 45%, que se transformam em 48%, se nos ativermos aos votos válidos, isto é, excluindo brancos e nulos. A tendência, pois, é que fique perto de decidir a eleição na primeira volta – mas falhe esse objetivo.

"Só falta um tiquinho...", comentou Lula.

Já Bolsonaro, de extrema-direita, que aproveitou o 7 de setembro para realizar comícios paralelos, muito concorridos, aos eventos oficiais em Brasília e no Rio de Janeiro, subiu para 34% (36% contando os votos válidos) – mas dentro da margem de erro de dois pontos.

"Alguém acredita que Lula ganha se as eleições forem limpas?", perguntou Bolsonaro aos apoiantes.

Em caso de segunda volta, Lula soma 53% e Bolsonaro 39%. A taxa de rejeição do antigo presidente é de 39%, a do atual de 51%.

"Esta pouca variação na intenção de voto ocorre porque os dois principais adversários são muito conhecidos, um é o atual presidente e o outro é um ex-presidente, então as pessoas já sabem quem eles são", assinala o politólogo Alberto Carlos Almeida, para quem "esta eleição é entediante". "Desde que Lula assumiu a liderança, em junho do ano passado, a distância entre ele e Bolsonaro pouco tem oscilado e a tendência é que assim permaneça, com os votos se concentrando ainda mais nos dois primeiros candidatos na reta final da campanha", conclui o autor de *A Mão e a Luva – O que Elege um Presidente*, publicado em maio deste ano.

Para Bruno Carazza, cientista político ouvido pela CNN Brasil, "o quadro de estabilidade é observado há muito tempo nas pesquisas eleitorais, o cenário é de cristalização da intenção de voto tanto em Bolsonaro quanto em Lula". Segundo Carazza, o fenómeno pode ser explicado pelo facto de os eleitores terem decidido de maneira antecipada os seus votos para presidente. "Lula e Bolsonaro são figuras muito fortes para a esquerda e para a direita brasileiras".

Kennedy Alencar, comentador político do UOL, acha que "Bolsonaro não ganhou um voto sequer no 7 de setembro". "O público que estava em Brasília neste ano é similar ao do ano passado. Ele não tem maioria na sociedade. Do ponto de vista eleitoral, ele vai ficar no mesmo lugar, acho que ele ainda assusta setores moderados apenas porque vemos uma ameaça de golpe explícita. Ele falou para uma plateia de convertidos – a bolha – e produziu imagens para a campanha dele. Com essas imagens, ele tenta dizer que tem uma intenção de votos maior do que as pesquisas apontam. Isso é mentira". Bolsonaro chegou a chamar os comícios do bicentenário de "datapovo" como contraponto à sempre aguardada sondagem Datafolha.

Segundo Thais Oyama, jornalista autora de *Tormenta: O Governo Bolsonaro, Crises, Intrigas e Segredos*, o quartel-general bolsonarista "acredita que as imagens produzidas [nos comícios de 7 de setembro] vão, a despeito de tudo que diz a lógica, provar que as pesquisas estão erradas". "Não faz grande sentido quando sabemos que Bolsonaro já tem em torno de 53 milhões de votos (cerca de 34%), segundo as pesquisas, ou seja, reunir dois milhões de pessoas não prova nada. Mas eles acreditam que essas fotos vão fazer com que os bolsonaristas arrependidos e os eleitores indecisos se animem e vejam que Bolsonaro não é cachorro morto", explica.

Thomas Traumann, colunista de *O Globo* e *Veja*, concorda: "A intenção de Bolsonaro com os atos de 7 de setembro não era ganhar votos novos mas mostrar força para os seus próprios apoiantes desanimados com as últimas pesquisas. Agora ele tem as imagens do "datapovo" para impulsionar as últimas semanas de campanha".

Para Reinaldo Azevedo, articulista do jornal *Folha de S. Paulo* e da Band News, o presidente levou muita gente às ruas. "E ainda assim são uma vastíssima minoria..." "Mas composta de aguerridos e de fanáticos de várias naturezas, o que inclui os religiosos – que é a ponta por meio da qual o bolsonarismo se encontra com a pobreza, sim, há também bolsonaristas pobres". "Mas uma coisa é essa massa mobilizada que vai a um evento. Outra é o povo indistinto. Bolsonaro foi testar a sua popularidade no Maracanã [no jogo Flamengo-Vélez Sarsfield, horas após os comícios] e até se ouviram alguns gritos 'mito, mito', mas na geral, aquele som que vira voz única, que varre e faz tremer arquibancadas, era outra coisa que se ouvia: 'ei, Bolsonaro, vai tomar no c...'. E olhem que, no Rio de Janeiro, ele está empatado tecnicamente com Lula".

Lula continua à frente entre os mais pobres, as mulheres e os católicos e Bolsonaro manteve ascendente entre os evangélicos.

A campanha de Bolsonaro ainda acredita numa inversão da campanha graças ao adiamento da segunda parcela do programa de assistência Auxílio Brasil para perto da eleição e de um novo debate, desta vez na TV Globo.

Além dos dois principais candidatos, Ciro Gomes (PDT) oscilou dentro da margem mas negativamente – de 9% para 7% –, o que pode indicar que foi no eleitorado do candidato de centro-esquerda que Bolsonaro foi buscar os dois pontos. Simone Tebet (MDB), de centro-direita, manteve os 5% da sondagem anterior do Datafolha, pelo que está agora em empate técnico com Ciro. Dos demais, só Soraya Thronicke (União Brasil) atingiu 1%.

dnot@dn.pt

Opinião
Lian Allub

Na América Latina, os vizinhos estão longe

Nos últimos 30 anos, a maioria dos países latino-americanos embarcou em processos de integração regional e extrarregional. Criaram-se iniciativas como o Mercosul ou a Aliança do Pacífico, ou deram-se novos impulsos a iniciativas anteriores como a Comunidade Andina de Nações ou a CARICOM. Essas medidas geraram uma queda significativa nas barreiras tarifárias e não tarifárias, mas tiveram apenas um impacto modesto nos níveis de abertura. Por exemplo, a relação exportação/PIB média na América Latina foi de 25% no período 1980-1984 e aumentou apenas 4 pontos percentuais no período 2015-2019. Esse baixo dinamismo também se reflete na participação da região no comércio global, que se manteve em torno de 5% do total desde a década de 1980. Isso contrasta com o observado noutras regiões em desenvolvimento, como o Sudeste Asiático, cuja participação passou de 3,5% para 7% no mesmo período.

Parte da explicação para essa estagnação é o pouco efeito que essa abertura teve na redução dos custos do comércio intrarregional e, portanto, na dinamização do comércio dentro da região. As medidas de proximidade calculadas a partir dos fluxos de comércio mostram que a América do Norte, a Europa ou o Sudeste Asiático aumentaram significativamente sua proximidade intra e extrarregional (que se relaciona inversamente com os custos do comércio), com um desvio para o comércio intrarregional. A América Central e as Caraíbas apresentam um padrão semelhante, mas a magnitude dos aumentos é menor. Na América do Sul, por outro lado, houve aumento da proximidade extrarregional, mas queda da proximidade intrarregional, o que evidencia mais que a redução de custos dentro da região não foi efetiva. Finalmente, como última evidência, com base na estimativa de um modelo gravitacional de comércio, descobrimos que a distância afeta mais negativamente o comércio na América Latina do que em outras regiões.

O que pode estar por trás desses altos custos das empresas na região? O relatório anual do CAF – Banco de Desenvolvimento da América Latina, intitulado "Caminhos para a integração: facilitação do comércio, infraestruturas e cadeias globais de valor", concentra-se em três determinantes principais dos custos comerciais. Por um lado, faltam avanços nos aspetos relacionados com a facilitação do comércio. A realização de uma operação de comércio externo ainda é muito onerosa em termos de tempo e dinheiro em todos os acordos comerciais da região. Por exemplo, enquanto para uma operação comercial padrão, os procedimentos de fronteira levam entre 80 e 100 horas na América Latina, eles exigem menos de 10 horas na União Europeia. Por outro lado, persistem défices nas infraestruturas de transporte e interligação. Em particular, a infraestrutura de transporte rodoviário, essencial para o comércio intrarregional e a participação nas cadeias de valor, apresenta uma desfasagem significativa nos serviços prestados. Assim, enquanto nos Estados Unidos e em Espanha a velocidade média nas rodovias é de 90 km/h ou superior, na maioria dos países latino-americanos haveria enormes ganhos em termos de acesso ao mercado se ela pudesse ser aumentada para esse patamar. Por fim, ainda há restrições ao comércio de serviços, à entrada de empresas estrangeiras, regras de origem muito rígidas, entre outras regulamentações, que dificultam a fragmentação da produção e do comércio de insumos.

Em resumo, nos últimos 30 anos a região enfrentou processos de abertura regional que resultaram na redução de algumas barreiras ao comércio, mas geraram apenas aumentos modestos na sua participação no comércio global. Em particular, essas medidas de abertura não parecem ter reduzido significativamente os custos do comércio dentro da região, que são essenciais para promover o comércio intrarregional e, em particular, para incentivar a fragmentação da produção entre as economias da região.

Por isso, o relatório da CAF propõe complementá-las com medidas de facilitação do comércio que reduzam os custos burocráticos e fronteiriços; de infraestruturas físicas, para reduzir custos de transporte e estimular a integração energética; e a redução de outras barreiras que dificultam a participação nas cadeias de valor, de forma a alcançar a desejada integração comercial e produtiva da região com os seus vizinhos e com o mundo. Essa agenda, embora desafiadora do ponto de vista orçamental e de implementação, é mais pragmática do que acordos tarifários alternativos, o que facilitaria o cumprimento dos compromissos necessários para a levar adiante.

Economista do Departamento de Pesquisas Socioeconómicas do CAF – Banco de Desenvolvimento da América Latina

Opinião
Diana Esenova

A importância do Congresso de Líderes Religiões Mundiais e Tradicionais na promoção do diálogo inter-religioso

Historicamente, o povo do Cazaquistão, durante muitos séculos enriquecido pela herança espiritual de várias nações e crenças, tem absorvido os valores inestimáveis da tolerância, harmonia e respeito mútuo.

Conseguimos isto graças ao facto de, desde os primeiros dias da independência, o nosso país ter prestado especial atenção às questões de harmonia étnica e inter-religiosa, à expansão de oportunidades reais para os cidadãos utilizarem as suas forças criativas, capacidades e talentos para o desenvolvimento global da sua personalidade.

Durante os anos da independência foram adotados os mais importantes documentos e decisões estatais e governamentais, foram implementadas iniciativas em larga escala destinadas ao desenvolvimento da cultura, espiritualidade e esclarecimento.

Nas difíceis condições de desenvolvimento da soberania do Cazaquistão, transição para uma economia de mercado e formas democráticas de organização da vida pública, conseguimos substanciar a ideia de acordo interétnico e interconfessional, aprofundá-la e desenvolvê-la de acordo com as exigências dos tempos e das necessidades do povo cazaque, que hoje é conhecido mundialmente como o "Caminho do Cazaquistão".

Os postulados fundamentais como paz, diálogo de confissões e culturas são a nossa inestimável riqueza. O paradigma do acordo interétnico e interconfessional é reconhecido por toda a comunidade mundial, enquanto que o próprio "modelo do Cazaquistão" se tornou um modelo não só para os vizinhos mais próximos, mas também para muitos países estrangeiros, um tema de estudo científico para peritos, cientistas e políticos.

Há que deixar claro que o fenómeno do sucesso do nosso país é inerente à história da nossa pátria e do seu povo, e que o desenvolvimento da harmonia inter-religiosa e interconfessional está diretamente ligado aos processos de interpenetração secular de diferentes tipos de civilizações e culturas na parte média do continente euro-asiático.

Por sua vez, a tolerância inerente aos povos da nossa república e a sua atitude amistosa para com os representantes de outras etnias, culturas, religiões e crenças, levaram à construção de uma base sólida e fiável para o desenvolvimento criativo e abrangente e para uma maior prosperidade de um Estado secular.

A experiência única do Cazaquistão de manter a harmonia interconfessional e a tolerância religiosa revelou-se muito procurada à escala global. A este respeito, uma das conquistas significativas do Cazaquistão é o Congresso de Líderes de Religiões Mundiais e Tradicionais que tem lugar na cidade de Nur-Sultan uma vez de três em três anos.

Entre 2003 e 2021, foram realizados seis Congressos de Líderes de Religiões Mundiais e Tradicionais dedicados a questões atuais de cooperação entre representantes de várias religiões para uma vida pacífica e digna dos povos de todo o planeta.

O Congresso de Líderes Espirituais foi uma contribuição significativa do Cazaquistão para o desenvolvimento do diálogo inter-religioso global em prol da paz e da estabilidade. Ao combinar esta abordagem com princípios-chave da sua política externa como o multi-vectorismo e o compromisso de resolução pacífica e coletiva de disputas internacionais, o Cazaquistão promove de forma ativa a compreensão mútua entre as civilizações orientais e ocidentais.

Em setembro a nossa capital abre as suas portas aos participantes e convidados do VII Congresso de Líderes de Religiões Mundiais e Tradicionais que irá reunir mais de 100 participantes de 50 países.

Gostaria de salientar que os temas do plenário e das reuniões sectoriais do VII Congresso constituirão uma oportunidade para discutir exaustivamente os problemas atuais da era moderna, propensos a ameaças de doenças infecciosas, confrontos internacionais, que dizem respeito a todos os cidadãos independentemente da sua origem religiosa e étnica, e para desenvolver recomendações apropriadas para os abordar.

Avaliando o significado das alturas conquistadas nos dezanove anos desde a convocação do Primeiro Congresso, estamos confiantes de que o futuro fórum será baseado na unidade espiritual dos líderes do mundo e das religiões tradicionais, verdadeiramente unidos no Cazaquistão como sinal de cooperação para o bem-estar e segurança de todos os povos, o renascimento espiritual e a evolução da humanidade.

Vice-presidente da Direção do Centro Nazarbayev para o Desenvolvimento do Diálogo Inter-Religioso e Intercivilizacional

Os números que explicam o enorme potencial físico do fenómeno da natação portuguesa Diogo Ribeiro

SUCESSO O atleta do Benfica tem algumas características físicas e de formologia parecidas com as de Phepls, o maior campeão de todos os tempos, apesar de não haver comparação entre ambos. Investigador Tiago Barbosa traça o retrato possível.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Diogo Ribeiro entrou na ribalta mediática com os recentes três títulos mundiais júnior (50m e 100m mariposa e 50m livres) e o bronze nos Europeus absolutos. Nunca se viu fenómeno assim na natação portuguesa. E se já há quem lhe chame o "Michael Phelps português", outros acreditam que pode superar Alexandre Yokochi e tornar-se o melhor nadador português de sempre. Yokochi tinha 20 anos quando conquistou a primeira medalha absoluta para Portugal (prata nos Europeus de 1985); Diogo conseguiu esse feito com 17 anos (bronze nos Europeus de agosto). Michael Phelps, a maior referência da história da natação, tinha 16 quando ganhou o ouro nos 200m mariposa, nos Mundiais absolutos de 2001.

"É comparar o incomparável. A natação, na altura do Yokochi, nos anos 1980 e 1990, nada tinha a ver com a atual e comparar um jovem que ainda é júnior com o atleta [Phelps] mais medalhado de sempre nos Jogos Olímpicos [28] também não é uma análise justa. É como comparar um F1 e um carro desportivo", disse ao DN Tiago Barbosa, eleito melhor investigador do mundo em desportos náuticos, pela terceira vez consecutiva, pela Expertcase, organização que identifica e qualifica conteúdos médicos/científicos especializados.

De Yokochi (também finalista nos 200m bruços nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984. terminando a prova em sétimo lugar) não há dados (nem o próprio os tem), mas é indesmentível que há parâmetros em que o jovem Diogo e Phelps, a maior referência mundial da natação, estão muito próximos: "No fundo, e analisando os números, têm características físicas e formologia muito parecidas. Proporcionalmente ambos têm pernas mais pequenas que o corpo e essa é uma grande vantagem para os nadadores em termos aerodinâmicos. Pode mesmo dizer-se que o Diogo é um Phelps mais pequeno."

Mas o que faz do jovem nadador do Benfica tão especial aos 17 anos? Os chamados parâmetros de avaliação antropométrica podem ajudar a explicar (ver gravura). Diogo tem uma envergadura (1,90 metros) superior à estatura (1,83m). Ou seja, a medida que vai do dedo médio da mão direita ao dedo médio esquerdo é superior à altura em sete centímetros (no caso de Phelps era de 10, uma vez que media 1,93m e tinha uma envergadura de 2,03m). Também o índice de massa corporal (divisão do peso pela estatura em metros quadrados) do português (22.1) é idêntica à do nadador norte americano já retirado da competição (22.3).

Quando se avalia um nadador são tidos em conta alguns parâmetros do corpo, como a área da mão (largura e cumprimento), medidas dos membros inferiores e superiores, estatura, envergadura, a largura dos ombros face à largura da anca e o rácio envergadura-estatura, talvez o mais relevante e que, no caso de Diogo Ribeiro, é muito próximo ao de Michael Phelps (1.04 contra 1.05 do norte americano).

A amplitude do movimento do pé é mais importante que o tamanho, por exemplo. No caso do Phelps era de 15 graus, o que é sobrehumano, segundo os especialistas. No caso de Diogo ainda é desconhecido. "Se a área da mão e do pé não é a ideal tem de se encontrar uma forma de compensar isso de alguma forma. E aqui entram as estratégias para minimizar esse ponto fraco anatómico", explicou ao DN o investigador que colabora com a Federação Portuguesa de Natação (FPN), com o Comité Olímpico de Portugal (COI) e a Federação Internacional de Natação (FINA).

Talento, desafios e enorme potencial

O talento, obviamente, e tal como em qualquer desporto, também entra na equação. E no caso de Diogo Ribeiro, que na semana passada conquistou três títulos mundiais júnior (50m e 100m mariposa e 50m livres), depois de um bronze absoluto nos Europeus, esse é mesmo o fator diferenciador: "Ele tem um enorme potencial do ponto de vista físico, mas tem algo muito importante do ponto de vista do alto rendimento, que é a maturidade, misturada com uma grande serenidade e motivação, que só se encontram nos grandes nadadores."

E mais do que pontos francos, nesta altura Diogo tem "enormes potencialidades". Até agora era mais importante a qualidade da técnica e o fator psicológico. E quando passar a sénior (já em outubro quando voltar aos treinos com o treinador Albertinho, no Centro de Alto Rendimento, no Jamor) "vai-se valorizar a questão mais física, a desenvoltura da massa muscular, a velocidade e execução dos movimentos". E aí o índice de massa gorda (8% - o dobro da que Phelps tinha no auge) irá baixar.

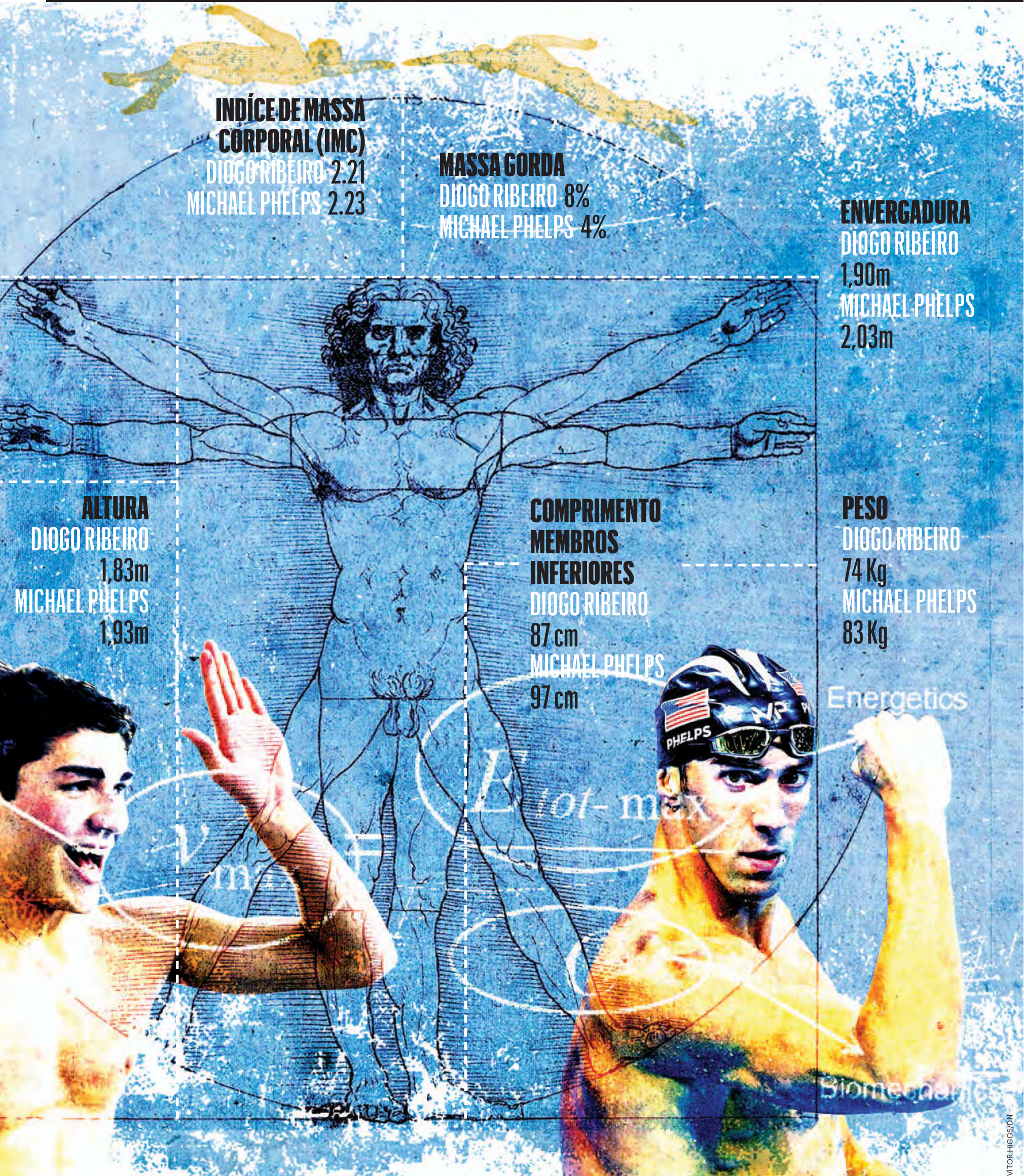
Os campeões júniores nem sempre conseguem fazer transitar o talento para a idade de sénior. Esse é também "o grande desafio" de Diogo Ribeiro neste momento, segundo Tiago Barbosa, que tem mais de 200 artigos publicados em jornais e revistas científicas.

O bronze conquistado pelo português nos Europeus absolutos vai ajudá-lo a perceber que é possível manter o nível entre os melhores. Afinal esse foi um momento histórico para Portugal, que só tinha duas medalhas em provas internacionais de piscina longa: Yokochi (prata nos Europeus de 1985) e Alexis Santos (bronze nos Europeus de 2016).

Já Michael Phelps, que se retirou em 2016 após os JO do Rio de Janeiro, aos 31 anos, é de outra galáxia – 28 medalhas olímpicas e 37 recordes mundiais.

isaura.almeida@dn.pt

> Os campeões júniores nem sempre conseguem fazer transitar o talento para a idade sénior. Esse é também um dos grande desafios de Diogo Ribeiro neste momento, considera o investigador Tiago Barbosa.

VÍTOR HIGGS/DN

Bernardo Futscher Pereira
"Salazar não queria solução política para as colónias"

DIPLOMACIA Com este *Orgulhosamente Sós*, o embaixador Bernardo Futscher Pereira conclui uma trilogia sobre a história diplomática do Estado Novo, após publicar *A Diplomacia de Salazar*, referente a 1932-1949, e *Crepúsculo do Colonialismo*, sobre a época 1949-1961. Fica evidente que a regra do regime após 1961, mesmo com Caetano, é a recusa total de pactuar o fim do Império.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Bernardo Futscher Pereira, atualmente embaixador de Portugal em Marrocos, fotografado em Lisboa, junto ao Palácio das Necessidades, sede do ministério dos Negócios Estrangeiros.

No seu livro, fala de oportunidades perdidas por Portugal para resolver o problema das colónias. Em 1963, 1969 e 1972. Porquê estes momentos e o que é que poderia ter sido diferente em termos diplomáticos que influenciasse o desfecho da questão africana?
Acho que é preciso distinguir 1963 de 1969 e 1972. No livro, procuro mostrar que em 1963 havia condições objetivas favoráveis para um eventual processo político. Mas, na prática, esse processo era inviabilizado pela presença de Salazar no governo. Salazar não queria uma solução política para as colónias.
Não queria negociar as colónias, ponto final.
Exatamente. Não queria. Mas essas condições favoráveis existiam na medida em que os Estados Unidos tinham desistido de derrubar o governo português, o primeiro ímpeto da ofensiva em Angola tinha-se esgotado, na Guiné a guerra tinha acabado de começar , ainda não se iniciara em Moçambique, e houve todo um esforço diplomático da administração americana, com a missão de George Ball, e depois uma parte menos conhecida, uma espécie de novidade que trago neste livro, que foram as negociações com os países africanos em Nova Iorque, conduzidas por Franco Nogueira sob a égide do secretário-geral das Nações Unidas. Portanto, havia ali um conjunto de circunstâncias relativamente favorável para procurar uma evolução diferente da que foi seguida. Só que Salazar não queria. E, portanto, é uma hipótese mais teórica do que real.
Em 1963 Salazar estava no poder, mas em 1969 e 1972 já não há Salazar para objetar e no entanto...
Em 1969 e em 1972 o que se poderia esperar era que Marcelo Caetano tivesse a perceção de que era preciso mudar de rumo e aproveitasse a boa vontade com que foi recebida a sua nomeação para encetar um processo político, seja lá em que termos fosse. Para procurar quebrar o impasse em torno da guerra colonial, que era já notório. Isto em 1969, quando ele chegou ao poder. Havia essa expectativa da parte de muitos países.
E em 1972?
Não o fez em 1969 e em 1972 as circunstância já eram bastante mais difíceis. Mas podia ter aberto um caminho de evolução se tivesse colocado o general Spínola na presidência em vez de reconduzir Américo Tomás. Isso poderia ter criado uma oportunidade para negociar o fim da guerra na Guiné.
O livro *Portugal e o Futuro* não tinha sido publicado ainda, mas conhecia-se o pensamento de Spínola sobre uma espécie de comunidade de língua portuguesa.
Exatamente. Conhecia-se já o pensamento de Spínola. Aliás, já se conhecia desde 1968, 1969, quando ele foi para a Guiné. Nas três frentes, a situação estava ainda relativamente controlada do ponto de vista militar. Em Angola, Portugal estava na mó de cima sob o comando do general Costa Gomes. Em Moçambique ainda não tinha havido o descalabro que depois ocorreu. Na Guiné idem aspas. Agora, elevar o general Spínola à presidência da República significaria, porventura, o fim de Marcelo Caetano. Seria uma passagem de poderes, de alguma forma. Nesse aspeto poderia ser, para Marcelo Caetano, uma espécie de suicídio político. Mas poderia ter aberto uma via de evolução diferente da que acabou por ocorrer.

ORGULHOSAMENTE SÓS
Bernardo Futscher Pereira
D. Quixote
487 páginas
29, 90 euros

Em todo este processo da guerra em África, a relação com os EUA é decisiva? Há aqui três presidentes. John Kennedy, que numa primeira fase é muito a favor das independências africanas, Lyndon Jonhson e depois Richard Nixon que, de certa forma , é mais complacente com Portugal. Portugal usa a Base das Lajes para negociar a posição americana em relação às colónias ou decisivo mesmo é a personalidade, a ideologia, de cada presidente americano?
Acho que a questão decisiva foi no tempo de Kennedy. Porque Lyndon Johnson não se interessava. Estava absorvido pela guerra do Vietname e pelo processo político interno dos EUA. Nixon era republicano, pragmático e queria um entendimento com Portugal, mas também não era assunto que o apaixonasse ou que se impusesse como uma prioridade. Realmente decisivo foi o choque frontal com a administração Kennedy em 1961 que culminou com o pronunciamento de Botelho Moniz e o seu falhanço.
Que é um golpe patrocinado pelos Estados Unidos?
Eu não diria patrocinado, mas talvez apadrinhado. Ou, digamos, com a cumplicidade dos Estados Unidos. A partir do momento em que isso não resulta, a administração Kennedy fica com menos armas para pressionar Portugal. E, ao mesmo tempo, a situação internacional, a crise do muro de Berlim, depois a crise dos mísseis em Cuba, toda a subida de tensão entre os dois blocos que houve nesses anos leva a uma mudança de posição da administração Kennedy. A facção dos chamados africanistas, que eram políticos nomeados para altos cargos do departamento de Estado que estavam apostados em confrontar Portugal, tem de ceder perante uma burocracia mais instalada, militar, e também parte do departamento do Estado, que privilegiava boas relações com os países da NATO e queria manter o acesso à base das Lajes. Com menos opções para pressionar Salazar, e num contexto internacional cada vez mais tenso, a facção atlantista foi ganhando terreno.
Ou seja, os EUA deixaram de hostilizar a política africana de Portugal mas nunca chegaram a apoiar?
Deixaram de hostilizar e passaram a acomodar-se, embora sempre procurando manter o embargo de armas, procurando levar Portugal para uma negociação.
Como se explica que num determinado momento, na Europa, sejam a França e a Alemanha os nossos grandes apoiantes e não o Reino Unido, o velho aliado?
Quando ocorre esta viragem nas relações com a França e com a Alemanha, no princípio dos anos 1960, de Gaulle está no poder em França e quer conduzir uma política autónoma em relação aos EUA e ao Reino Unido, que por sua vez está cada vez mais enfeudado a Washington. Com o Reino Unido tudo se complica também por causa da crise da Rodésia. Tanto franceses como alemães querem ter facilidades militares no território português e é nessa negociação que se constrói o apoio que depois darão – essencialmente vendas de armamento – à guerra colonial.
Para a nossa diplomacia foi complicado explicar que um país que dizia ser pluricontinental e não racista ter procurado alianças com a Rodésia e com a África do Sul?
Sim, e houve sempre a preocupação de manter essas relações dentro do maior segredo possível. Agora, no livro, falo disso abertamente e explico todos os passos que levaram até ao exercício Alcora, que representou a formalização da aliança militar com a Rodésia e a África do Sul. O primeiro passo, e decisivo, foi termos instigado a independência unilateral da Rodésia, como demonstro neste livro. Mas durante anos foi segredo de Estado.
Ou seja, não havia contradição porque, supostamente, não era sequer conhecido?
Toda a gente suspeitava, mas era assunto de que se falava o menos possível. O que acontece é que a lógica da guerra acaba por impor a necessidade dessas alianças.
E aquela aproximação com alguns países africanos tentando afastá-los da posição da OUA?
Sim, nós procurámos pesar sobre as opções dos países africanos limítrofes das colónias portuguesas.
Nomeadamente dos que eram encravados e precisavam de acesso ao mar via Angola ou Moçambique.
Exatamente. Essa é uma história que eu conto em bastante detalhe, mas é muito variada. Porque estamos a falar de vários países muito diferentes: no caso da Guiné, o Senegal e a Guiné-Conacri, que têm posições antagónicas. Em Angola, o antigo Congo belga, depois Zaire, o Congo Brazzaville, e depois a Zâmbia. Em Moçambique, o Malawi, a Zâmbia e a Tanzânia. E a Rodésia e a África do Sul, obviamente. Portanto, são muitos países e reagem de forma diferente. Realmente a maior arma que temos é o acesso ao mar para os países que estão encravados. É o caso da Zâmbia e do Malawi, e também da Rodésia. Com o Malawi consegue-se recrutá-lo para o nosso campo, com a Zâmbia não.

PAULO ALEXANDRINO/GLOBAL IMAGENS

Mas nunca se deixa de tentar. Há sempre tentativas para trazer a Zâmbia à fala e encontrar um entendimento com Portugal e há muitos contactos ao longo dos anos.

Esse esforço é feito pelos diplomatas? É a diplomacia? Não são os comandantes militares nos países?

No Malawi, em primeiro lugar, é o Jorge Jardim. Na Zâmbia sim, é a diplomacia. A diplomacia e o Ministério do Ultramar, também. Depois no Zaire a mesma coisa. Em todos esses países, sim. É a diplomacia, depois, com o decorrer da guerra começa a haver outros intervenientes. A PIDE, no caso do Zaire, alguns elementos mais destacados da comunidade portuguesa. Mas são processos comandados por Lisboa, essencialmente pelo ministério dos Negócios Estrangeiros. Neste campo, é o Ministério dos Negócios Estrangeiros que governa, em sintonia com Salazar obviamente. Depois, numa fase final da guerra as coisas complicam-se.

E sobre a questão do Vaticano. Há a visita de Paulo VI à Índia, pouco tempo depois da invasão de Goa. Há também o Papa a receber os líderes dos movimentos africanos de libertação. Do ponto de vista da diplomacia, e também no impacto interno, é, claramente, uma derrota para o regime, não?

Claramente. E tem uma importância decisiva no ruir do regime. Porque há dois pilares de apoio ao Estado Novo, as Forças Armadas e a Igreja. No caso das Forças Armadas é um processo bem conhecido, pois através da guerra o apoio acaba por desaparecer. No caso das dissensões com o Vaticano , que começam com o Papa João XXIII, no início dos anos 60, cria-se uma brecha no mundo católico em Portugal, que depois não cessa de se aprofundar em torno de vários episódios. Há a visita à Índia de Paulo VI, mais tarde, a audiência que ele concede aos líderes dos movimentos de libertação. Os problemas enormes com a igreja em Moçambique. Tudo isso cavou divisões no mundo católico em Portugal, fazendo emergir uma tendência, a dos católicos progressistas, que depois fazem a ponte entre as elites tradicionais, que apoiavam o Estado Novo, e a oposição.

> *"Nós temos um trunfo que interessa muito aos americanos, que são os Açores. Interessa ter os Açores na NATO, por um lado. Por outro lado, não há tanta animosidade contra Portugal e contra Salazar, como contra os espanhóis e Franco."*

Falando nos ministros dos Negócios Estrangeiros, Franco Nogueira e Rui Patrício, duas figuras completamente diferentes. É possível dizer que um trabalhando com Salazar e o outro já com Marcelo Caetano, apesar de tudo houve uma coerência na política externa portuguesa?

Houve coerência na medida em que as posições básicas não se alteraram. Continuámos a defender, até ao fim, o direito de continuarmos a guerra e mantermos as potências ultramarinas. Nesse aspeto houve continuidade. Mas também houve diferenças na maneira de atuar e de proceder. Diferenças de substância e diferenças de estilo.

Mas foi mais difícil a tarefa para o próprio Patrício do que para Franco Nogueira?

Rui Patrício já apanha o comboio numa fase tardia, em que tem de lidar com muito mais interferências de outros centros de poder na condução da política externa. As Forças Armadas, a PIDE, etc. Ele próprio também não tinha tanto peso como Franco Nogueira. Franco Nogueira tinha muita autoridade, estava muito próximo do Salazar, que se fiava muito nele. Apesar de tudo acho que também houve uma evolução na posição de Franco Nogueira. Procuro demostrar isso no livro. Franco Nogueira quando foi nomeado ministro não estava ainda tão alinhado com as posições de Salazar como depois quis deixar transparecer no que escreveu. Mas, na altura, Franco Nogueira tinha mais autoridade e menos interferências... e a guerra também estava numa fase ainda incipiente. Porque depois todas as relações com esses países dos quais nos tentámos aproximar, designadamente o Malawi, a Zâmbia e o Senegal, foram extraordinariamente complicadas pelas incursões transfronteiriças do exército. As incursões das Forças Armadas portuguesas nos territórios desses países, em *hot pursuit* ou para tentar combater a implantação dos movimentos de libertação, tornaram-se um factor constante de perturbação.

Houve alguma tentativa da nossa diplomacia em influenciar a China ou a URSS? Ou isso estava fora do alcance?

Há em vários momentos uma tentação de procurar um entendimento com a China. Eu acho que Franco Nogueira, que era casado com uma senhora chinesa, sempre vê isso como uma hipótese, que nunca acaba por se concretizar. Penso que por razões ideológicas, pois, apesar da sua animosidade contra os americanos, Salazar não os quer provocar.

Com a URSS não há hipótese?

Com a União Soviética, não. Não há hipótese. Ainda há umas compras de material militar feitas pelo Jorge Jardim, mas não há verdadeiras tentativas nesse sentido.

Indo aos seus livros anteriores, com este terceiro agora, no fundo, faz uma história da diplomacia no Estado Novo. Na Segunda Guerra Mundial, apesar de todas as tentativas de equilíbrio entre beligerantes, Salazar está no campo ocidental e não está no campo fascista. E isso depois vai ter um prémio, estar na fundação da NATO. Pode-se entender assim?

Durante esse período, do primeiro livro, até à formação da NATO, com a Guerra Civil de Espanha e sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial, há uma tensão constante no pensamento de Salazar entre, digamos, as suas predileções ideológicas e aquilo que podemos designar por razão de Estado. Nessa altura a aliança com a Inglaterra era um facto. A Inglaterra tinha uma posição dominante na economia portuguesa e era uma grande potência. A aliança nunca é posta em causa e isso os ingleses reconhecem-no. Nessa medida, pode dizer-se que Salazar optou, de alguma forma, pelo mundo ocidental. Mas, até 1943, quando há o acordo para os ingleses se instalarem nos Açores, a política era de neutralidade e as simpatias do Salazar não estavam inteiramente com a política inglesa. Porque, para Salazar, o grande perigo era a União Soviética. Nos anos 1930, Salazar era fundamentalmente um apaziguador, identificava-se com a linha política de Chamberlain. O perigo vem da União Soviética. Vamos tentar arranjar aqui um acordo com os alemães, mas não porque ele tivesse simpatia com o nazismo, que não tinha, mas porque achava, como uma vez disse, que a Alemanha era o fronteiro da Europa.

O comunismo era a grande ameaça aos olhos de Salazar?

O comunismo era a grande ameaça. E, portanto, há sempre essa tensão. Mas acaba por optar pelos ocidentais com o acordo que faz em 1943. Fica no campo ocidental e, de facto, a recompensa é a integração de Portugal na NATO.

Porque, por exemplo, a Espanha é fortemente anticomunista e não está na formação da NATO.

Nós temos um trunfo que interessa muito aos americanos, que são os Açores. Interessa ter os Açores na NATO, por um lado. Por outro lado, não há tanta animosidade contra Portugal e contra Salazar, como contra os espanhóis e contra Franco que é visto como tendo basicamente alinhado com as potências do Eixo, embora tivesse mantido a neutralidade, mas ideologicamente alinhado com o Eixo.

leonidio.ferreira@dn.pt

Opinião
Jorge Barreto Xavier

Semanologia

A falsa inocência II

"É preferível o ladrão que guarda discretamente o produto do seu roubo, àquele que grita no rossio que tem o peito cheio de medalhas. Ou não?"

Concluía assim a minha crónica da semana passada, refletindo sobre o sentido da inocência, da malícia e dos juízos que se podem fazer a seu respeito.

O juízo moral é um exercício difícil. Pouco se pondera sobre o que nos faz tomar ou omitir dada atitude. Mas, facilmente, julgamos o comportamento dos outros e por essa via os valores que lhe estão associados. Estes julgamentos estão sujeitos a muitos equívocos. Dou um exemplo, a propósito da falta de civismo na via pública, que me causa aversão:

Certa vez, irritei-me ao ver um cão a fazer o seu serviço no passeio, seguro na coleira de um homem grisalho. Ia eu atrás, e decido agir. Avanço, coloco-me à frente e pergunto: "Não tem vergonha?". Mal acabo a frase, reparo que o dito segura um plástico na mão, preparado para recolher o cálido presente. Na aparência, um ato de falta de civismo tinha ocorrido cerca de mim. Porque só tinha visto uma parte do real.

A importância de sermos humildes relativamente aos nossos próprios erros morais e éticos e a de ter cuidado na avaliação da atitude de terceiros deve levar-nos à ausência da valorização dos comportamentos alheios?

Creio que não. É importante evidenciar e reconhecer comportamentos exemplares e por essa via, hierarquizar uma ordem de valores. Vivemos numa sociedade profundamente relativista. A tentativa da substituição do edifício moral existente por uma construção nova, sem a validação sábia do tempo de reconhecimento coletivo, é de alto risco. A prudência que se recomenda neste campo exige a paciente cerzidura do sentido de comunidade. A "impaciência valorativa" que caracteriza os nossos dias, colocando em choque diferentes visões da pessoa e da sociedade e gerando clivagens pessoais e sociais que radicalizam o discurso e as atitudes, faz parte do turbilhão de mudanças que caracteriza a contemporaneidade. Uma tempestade durável, daquelas que acontecem em Júpiter, engolindo tudo e todos, longamente, de forma avassaladora.

> **Em maior ou menor grau, de diversas formas, a maior parte de nós somos ladrões, em alguns momentos da vida.**

Retomo as frases do começo deste texto, a propósito da inocência, da malícia e do juízo.

Perguntava se é melhor ser um ladrão que vive e guarda discretamente o produto do seu roubo ou aquele que o esconde atrás da exibição de uma aparente evidência de virtude. Realço que "ladrão" não é só quem tira bens materiais ou imateriais. É também quem omite o reconhecimento do valor dos outros, que não dá a quem de direito o que deve ser dado. Lembram-se da declaração "Palavra dada, palavra honrada"? É um exemplo da evidência do ladrão. A pessoa "honrada" não precisa de, publicamente, reivindicar que o é, ou, pior, afirmar, por antecipação, que vai sê-lo. As medalhas discursivas no rossio do peito "honrado" não são nem melhores nem piores que o silêncio consciente de quem guarda o produto do seu roubo. São duas formas de "esperteza". Duas formas de Carnaval. A verdade é que, seja com máscaras, ostentadas de forma espaventosa, ou sob uma aparência discreta, quem rouba, rouba.

Em maior ou menor grau, de diversas formas, a maior parte de nós somos ladrões, em alguns momentos da vida. A santidade – a prática consciente, substantiva e plena da distância do mal – é para poucos. Mas muitos podemos praticar o bem, mesmo sem ser santos. E quanto mais poder e consciência se tem, mais a vontade, a decisão sobre estas matérias responsabiliza. Vale esta observação para a política, para a economia, para a vida pública e para a vida privada.

Vivemos num mundo cheio de sombras e de luz a mais – o barulho das luzes. Mas nem na luz ou na sombra, guardar o que não nos pertence ou não dar aquilo que deve ser dado é recomendável.

AVISO

Torna-se público que se encontra aberto, pelo prazo de dez dias úteis, a contar da data de publicação do presente aviso na 2.ª Série do *Diário da República*, procedimento concursal, para contratação em funções públicas por tempo indeterminado, com vista à ocupação de um (1) posto de trabalho do mapa de pessoal, na carreira de Assistente Operacional (para exercer funções de carpintaria), cujos requisitos de admissão e formalização de candidaturas constam no aviso publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 175, de 9 de setembro de 2022, o qual deve ser consultado.

Qualquer informação complementar poderá ser obtida pelo telefone 214369023.

As candidaturas poderão ser remetidas pelo correio, sob registo e com aviso de receção, para a Câmara Municipal da Amadora – D.G.R.H. – Av. Movimento das Forças Armadas, 1 – Mina de Água – 2700-595 Amadora, ou entregues em atendimento presencial (preferencialmente mediante marcação prévia *online* em www.cm-amadora.pt ou através do telefone n.º 214369022), no Serviço de Atendimento da Câmara Municipal da Amadora (Av. Movimento das Forças Armadas, 1 – Mina).

Paços do Município, 9 de setembro de 2022

Por delegação de competências da Presidente da Câmara,
conferida pelo Despacho n.º 49/P/2021 de 2 de novembro
Publicado na separata n.º 34 do Boletim Municipal de 18 de novembro de 2021

A Vereadora responsável pela área de Recursos Humanos
Susana Santos Nogueira

Dá-se conhecimento público de que se encontra aberto processo de recrutamento de pessoal em regime de contrato de trabalho a termo resolutivo incerto para o Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa para:

1 VAGA DE TÉCNICO SUPERIOR (m/f)

referência CT-CCLP/06-2022

ao qual podem candidatar-se os indivíduos que reúnam as condições fixadas no aviso disponível no endereço:

https://www.ihmt.unl.pt/category/bolsas-e-concursos/

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação no site do IHMT.

Dá-se conhecimento público de que se encontra aberto processo de recrutamento de pessoal em regime de contrato de trabalho a termo resolutivo incerto para o Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa para:

1 VAGA DE TÉCNICO SUPERIOR (m/f)

referência CT-CLIMOS/05-2022

ao qual podem candidatar-se os indivíduos que reúnam as condições fixadas no aviso disponível no endereço:

https://www.ihmt.unl.pt/category/bolsas-e-concursos/

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação no site do IHMT.

Dá-se conhecimento público de que se encontra aberto processo de recrutamento de pessoal em regime de contrato de trabalho a termo resolutivo incerto para o Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa para:

1 VAGA DE TÉCNICO SUPERIOR (m/f)

referência CT-CCLP/06-2022

ao qual podem candidatar-se os indivíduos que reúnam as condições fixadas no aviso disponível no endereço:

https://www.ihmt.unl.pt/category/bolsas-e-concursos/

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação no site do IHMT.

Convocatória

Nos termos do art.º 36.º do Código Cooperativo e do n.º 2 do art.º 16.º do Estatuto da Cooperativa, convoco a Assembleia Geral da "**SOCEI - Cooperativa de Equipamentos de Centros de Ensino, CRL**", com sede na Rua Armindo Rodrigues, n.º 28, em Lisboa, com o capital mínimo e variável de seiscentos mil euros, registada na Conservatória do Registo Comercial sob o número único de matrícula e de pessoa coletiva 500 783 586, para se reunir na sua sede social, na Sala de Atos, no dia 29 de setembro de 2022, pelas 16.30 horas, com a seguinte

Ordem de Trabalhos

Ponto Um: Apreciar e votar o Relatório de gestão e os documentos de prestação de contas, bem como o parecer do órgão de fiscalização relativos ao exercício de 2022 (de 1 de janeiro a 31 de agosto).

Se à hora marcada não se verificar o quórum constitutivo aludido no art.º 17.º do Estatuto, a Assembleia reunirá, em segunda convocação, uma hora depois, com qualquer número de membros.

Qualquer Cooperador poderá representar na Assembleia cinco outros Cooperadores, mediante carta de representação dirigida ao Presidente da Mesa.

É admitido o voto por correspondência, nos termos exigidos no n.º 3 do art.º 17.º dos Estatutos.

Lisboa, 7 de setembro de 2022

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Dr.ª Maria Manuel Bochechas Cabrita Menezes da Silva

Edital 55/2022

Bolsas de Inovação Científica Professor Doutor António Lima-de-Faria

Maria Helena Rosa de Teodósio e Cruz Gomes de Oliveira, Presidente da Câmara Municipal de Cantanhede, torna público que a Assembleia Municipal de Cantanhede, na sessão ordinária realizada a 27 de setembro de 2019, aprovou o Regulamento de Bolsas de Inovação Científica Professor Doutor António Lima-de-Faria e que se encontram abertas as candidaturas à segunda fase do ano de 2022, pelo prazo de 15 (quinze) dias, contados a partir do dia 1 de setembro de 2022.

Segundo o artigo 2.º do Regulamento da referida bolsa, a mesma é uma prestação pecuniária anual destinada à comparticipação dos encargos inerentes à inscrição num congresso nacional/internacional ou estágio de curta duração num laboratório em Portugal/no estrangeiro, visando apoiar jovens na investigação científica inovadora.

O regulamento pode ser consultado na página eletrónica do Município de Cantanhede em http://www.cm-cantanhede.pt ou na Divisão de Educação e Juventude, na Casa Francisco Pinto, dentro do horário normal de expediente.

Para conhecimento geral e devidos efeitos, publica-se o presente Edital que vai ser afixado nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Cantanhede, 6 de setembro de 2022

A PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL
Maria Helena Rosa de Teodósio e Cruz Gomes de Oliveira

Geórgia

Tanta história e cultura a descobrir, enquanto se bebe vinho à antiga e se saboreiam *khinkalis*

TEXTO **LEONÍDIO PAULO FERREIRA,** EM TIBLISSI E BATUMI

VIAGEM

Com uma história tão longa que se cruza com os gregos e os persas antigos, também com os impérios romano, bizantino, árabe, mongol, otomano e russo, a Geórgia recuperou a independência em 1991 e na sua vontade de reafirmar a vocação europeia, aposta no turismo e até nem pede passaporte aos portugueses, só o cartão de cidadão.

1.

Como se fosse ainda o guardião da cidade que fundou há mais de 1500 anos, o rei Vakhtang I ergue-se imponente na colina rochosa onde brilha a igreja de Metekhi. Com o céu de um azul lindíssimo, comum na Geórgia nestas derradeiras semanas de verão, a estátua do monarca que também é santo da Igreja Ortodoxa parece olhar para a colina em frente, na outra margem do rio Mtkvari, onde sobressai o mais simbólico monumento de Tiblissi, a fortaleza de Narikala, cujas muralhas testemunharam a luta dos georgianos para se manterem livres de impérios como o persa (sob vários nomes, antes e depois da conversão ao islão), o romano, o bizantino, o árabe, o mongol, o otomano ou o russo. No sopé da montanha onde se ergue Narikala, avista-se um dos bairros mais típicos da capital, Abanotubani, onde edifícios em tijolo avermelhado ainda hoje oferecem banhos em águas sulfurosas vindas de nascentes. Diz inclusive a lenda que a fundação da cidade teve que ver com o episódio em que o rei, durante uma caçada, observa um dos seus falcões capturar um faisão e depois cair num riacho, onde ambas as aves foram encontradas cozidas. Tiblissi deriva, aliás, de *tbili*, "quente" em georgiano.

Três décadas depois da independência conquistada quando a União Soviética se desagregou em 1991, a Geórgia está cheia de sinais da sua vontade de se reafirmar europeia, a começar até pelas bandeiras da UE içadas em locais como o parlamento, um dos magníficos edifícios que ornamentam a avenida Shota Rustaveli (grande poeta dos tempos medievais), cheia de palácios, teatros e museus, com os tesouros em ouro do Museu Nacional da Geórgia a serem de visita obrigatória mesmo para quem se propôs visitar o país, do Cáucaso ao Mar Negro, em apenas uma semana. Há também cafés cheios de charme – é a zona de hotéis de cinco estrelas – e restaurantes como o Alubali, onde se podem provar delicias locais como o *khachapuri*, um pão alongado que pode levar um ovo no centro para misturar, ou os *khinkali*, espécie de raviolis gigantes recheados com uma suculenta carne misturada com especiarias. E não esquecer os vinhos georgianos, herdeiros de oito mil anos de tradição.

A si próprio os georgianos chamam-se kartvelianos. São um povo antiquíssimo (tiveram, por exemplo, de lidar com os exércitos de Alexandre) com uma forte identidade alicerçada numa língua própria, numa conversão ao cristianismo que se deu logo em 337 no reinado de Mirian III e até num alfabeto nacional, que se pode ver em todas as placas na estrada acompanhadas pela transcrição latina. Parnavaz I, que reinou no século III a.C, foi o primeiro unificador das terras georgianas, a partir de Kartli, reino conhecido como Iberia pelos cronistas da Antiguidade Clássica. Já por volta do ano 1100, destacou-se David IV, o Construtor, herói nacional.

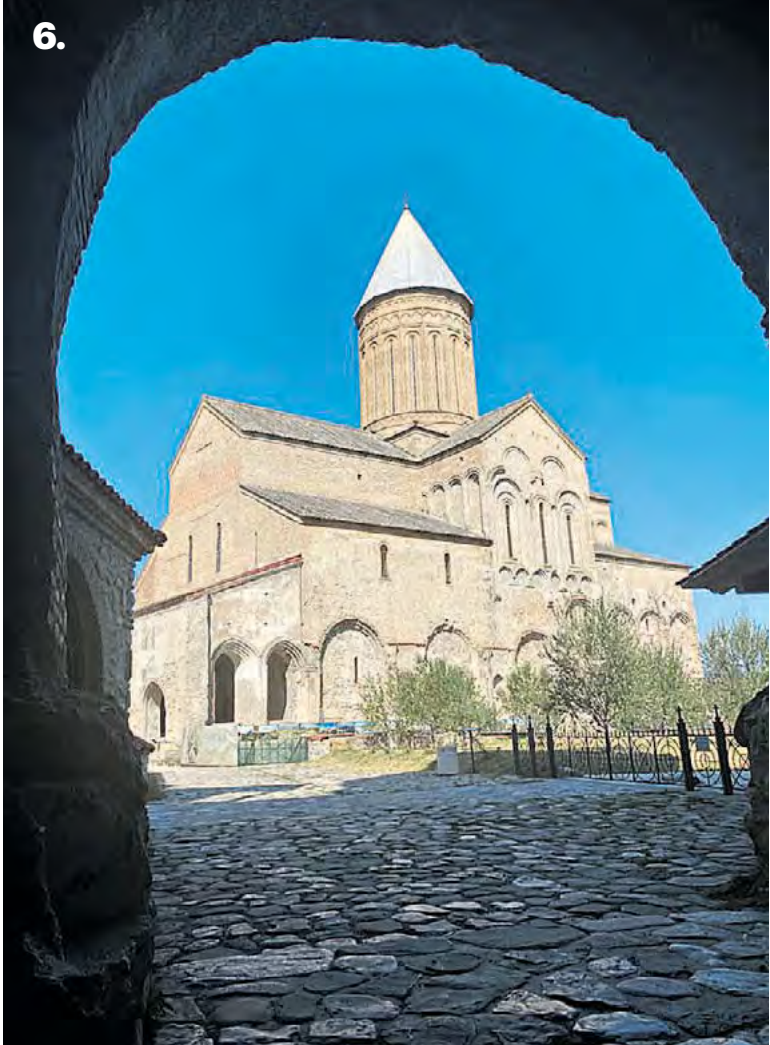
Algo marcante também na cultura georgiana é o vinho, e é sua a palavra *vino* que se internacionalizou graças aos romanos. Uma viagem pela metade leste do país corresponde a cruzar terrenos cheios de vinhedos, com oportunidade de visitar adegas como a Shumi, na região de Kakheti. A tradição, que está a ser recuperada e dá renovado prestígio ao vinho georgiano, passa pela fermentação em recipientes de barro, como as talhas em certas zonas do Alentejo, mas enterrados no chão. É indispensável visitar o palácio em Tsinandali que foi da família do poeta e militar Alexander Chavchavadze, que chegou a encabeçar revoltas contra os russos, mas foi um dos generais do czar que derrotaram Napoleão e entraram em Paris. Também aqui se produz vinho, com a curiosidade de ter sido Chavchavadze a introduzir no país o método de produção euro-

peu. Integrado nos jardins do palácio existe um luxuoso hotel gerido pelo grupo Silk Road, mas a uns quilómetros de distância, depois de uma visita ao mosteiro de Alaverdi, com mil anos (e a igreja mais alta do país até à inauguração da catedral Sameba em Tiblissi) está uma das maravilhas oferecidas pela Geórgia como destino turístico, o Lopota Lake Resort, rodeado por um milhão de metros quadrados, incluindo um lago, por entre montanhas verdejantes.

A caminho de Batumi, segunda cidade do país, três paragens dignas de nota: Sighnaghi, vila muralhada no alto de uma montanha, Uplistsikhe, um complexo de grutas escavadas perto de Gori que serviu para cultos pagãos antes de ter sido transformado em santuário cristão e depois abandonado durante a Idade Média, e o lago Paliastomi, ligado por um estreito canal ao Mar Negro, e perfeito para um passeio de barco para quem gosta de ver vegetação abundante (quase selva) e uma variedade de aves migratórias.

Os arranha-céus que ornam a fachada marítima de Batumi, muitos deles hotéis e casinos, prometem uma cidade modernissima, procurando rentabilizar as praias de águas mornas do Mar Negro. Mas se a nova arquitetura impressiona, como é o caso do hotel Sheraton inspirado no antigo farol de Alexandria, também é agradável a parte antiga da cidade, cujos edifícios têm vindo a ser recuperados. A não perder a praça Medeia, filha do rei Eetes, de Cólquida, antigo reino na parte ocidental da Geórgia, figuras que surgem na mitologia grega por causa dos argonautas e da busca do tosão de ouro. Para pensar quando é que vai voltar à Geórgia – tanta é a riqueza cultural, paisagística e gastronómica deste país plurimilenar que uma semana lá é pouco –, nada como na última noite passear pela marginal de Batumi, ver a estátua de Ali e Nino (amantes proibidos de um livro da primeira metade do século XX) e jantar peixe grelhado num restaurante junto ao mar, como o Adjaruli Sakhli.

leonidio.ferreira@dn.pt

DN viajou a convite da embaixada da Geórgia

1. Estátua equestre em Tiblissi do rei Vakhtang I, fundador da cidade a meio do primeiro milénio. Em frente, a fortaleza de Narikala.
2. Estátuas em Batumi de Ali e Nino, ele muçulmano e ela cristã, que rodam cada uma sobre si, chegando a se olhar de frente, mas depois virando costas (amantes proibidos de um célebre livro de há cem anos).
3. Palácio em Tsinandali que foi do poeta Alexander Chavchavadze.
4. Uplistsikhe, um complexo de grutas perto de Gori que serviu para cultos pagãos antes de ter sido transformado em santuário cristão.
5. Vinhedos em Kakheti, com castas que são originárias da Geórgia.
6. Mosteiro de Alaverdi, com mil anos (e a igreja mais alta do país até à inauguração da catedral Sameba em Tiblissi).

Diario de Noticias

Director — AUGUSTO DE CASTRO

Á MARGEM DA HISTÓRIA

O PARAISO BOLCHEVISTA...

A CAMARA MUNICIPAL vai reorganizar os serviços de incendios

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 12 DE SETEMBRO DE 1922 PARA LER HOJE

SELEÇÃO DO ARQUIVO DN
POR **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

A CAMARA MUNICIPAL

vai reorganizar

os serviços de incendios

E declara-nos solenemente que, com mais homens e menos dinheiro, a corporação ficará sendo uma das melhores do mundo

O serviço de incendios é, pela sua natureza, um dos mais importantes duma grande cidade. Pode mesmo dizer-se que depois do serviço de policia é o serviço de segurança contra incendios e outras calamidades publicas o que mais atenção e cuidados deve merecer a população duma capital. Ora, tendo a Camara Municipal anunciado que ia ocupar-se, numa das proximas sessões, da remodelação da corporação de bombeiros, afigurou-se-nos interessante informar os nossos leitores das linhas gerais dessa remodelação, tanto mais que ainda não perdemos a esperança de ver a vereação municipal de Lisboa fazer uma coisa sensata.

Foi a comissão que elaborou o projecto do novo regulamento de bombeiros quem respondeu as nossas perguntas, começando por nos dizer que desde 1913, data em que o serviço de incendios passou de novo para a Camara Municipal, um novo regulamento daqueles serviços se impunha, por o antigo sr. origem de constantes conflitos entre o Comando e a Camara, com grave prejuizo da disciplina e consequentemente da segurança da cidade

—O antigo regulamento tinha, então, disposições desacertadas?

O serviço dos incendios está a cargo da Camara, mas quem manda é... o ministerio do Reino!

—Essas disposições eram, sobretudo, obsoletas. Por elas, o Comandante, os chefes e os subordinados não deviam obediencia alguma á Camara Municipal, mas *ao ministerio do reino e do governador civil.*

—E daí...

—Daí, quando a Camara pretendia impôr a sua autoridade, encontrava-se manietada por um Regulamento que só falava num ministerio que até já mudara de nome e numa autoridade que não tinha a minima interferencia na corporação. E isto durava ha nove anos!

—O novo Regulamento modifica essa situação?

—Absolutamente. Restabelece-se a autoridade municipal, marcando-se minuciosamente as funções e atribuições de cada membro da corporação, desde o Comandante até ao servente, dotando-se a cidade com um numero de bombeiros que o serão pela tendencia natural do seu espirito e não apenas por uma exigencia de certas visceras.

—De quantos bombeiros se compõe o quadro previsto pelo novo Regulamento?

—De 500, entre bombeiros de 1.ª, 2.ª, 3.ª e aspirantes. Os quadros antigos, de bombeiros permanentes e auxiliares, eram, no papel, de 380 homens, 175 do quadro auxiliar e 205 do permanente.

—No papel? Então não existiam, de facto, 380 bombeiros?

—Não, senhor. Nesse numero entram os cocheiros, «chauffeurs», tratadores de gado, telefonistas, etc., de forma que os homens disponiveis para atacar um incendio eram em numero muito inferior. Agora junte áqueles que não podem abandonar as viaturas ou o telefone os que estão de folga, doentes, suspensos ou de licença, e faça uma ideia do pessoal que ficava para atacar qualquer sinistro.

—!...

—Não se admire, porque ainda isto não é tudo. Os 175 bombeiros auxiliares, esses, só tinham obrigação de comparecer nos incendios entre as 21 e as 5 horas. Mas como, na maior parte desse periodo, das 9 da noite á 1 da madrugada, estavam todos legalmente impedidos de o fazer, por se encontrarem distribuidos pelos teatros e animatografos em serviço de vigilancia, só podiam de facto ser utilizados os seus serviços, regulamentarmente, durante 4 horas em cada 24, isto é, nas horas em que mais precisam de descanso, depois de um dia inteiro de trabalho na industria particular e de quatro horas de serviço de teatro.

A forma como estão funcionando e como funcionarão, com a reforma, os serviços de incendio

—Nesse caso, a cidade estava entregue...

—A' divina providencia, ou como queira chamar-lhe. O novo regulamento, porem, remediará esse mal. Dos 500 bombeiros de que lhe falei, 100 serão chamados diariamente ao serviço, estando prontos, á primeira voz, a acudir a qualquer sinistro. E' claro que nesse numero não entram nem os «chauffeurs», nem os cocheiros, nem mesmo o pessoal superior a quem incumbe a direcção do serviço.

—Mas nesse caso o aumento de despesa será enorme.

—A' primeira vista, assim parece. Mas lembre-se de que a Camara paga actualmente a 300 e tantos bombeiros, e, de futuro, embora o quadro seja de 500, pagará apenas a 100, que tantos são os que são chamados ao serviço diario, por turnos. A Camara pode, quando o entender, elevar o numero de bombeiros a 700 ou 800 homens, que nem por isso gastará mais com ordenados. Aumenta a despesa com fardamentos e nada mais.

—E o serviço dos teatros?

—Será feito com o pessoal que não estiver de piquete, isto é, com os 400 homens que ficam de reserva.

—Então, uma organização ideal?

—Assim nos parece. Mas nem por isso ela deixa de ter inimigos—todos aqueles que viviam como o peixe na agua á sombra da confusa organização que o novo regulamento vem substituir.

—E quanto a novo material?

—Resolução já tomada pela Camara. Se o emprestimo dos dez mil contos fôr avante, a Corporação dos Bombeiros Municipais de Lisboa, com o novo regulamento e com o novo material, ficará sendo uma das primeiras do mundo, relativamente ao seu numero de habitantes.

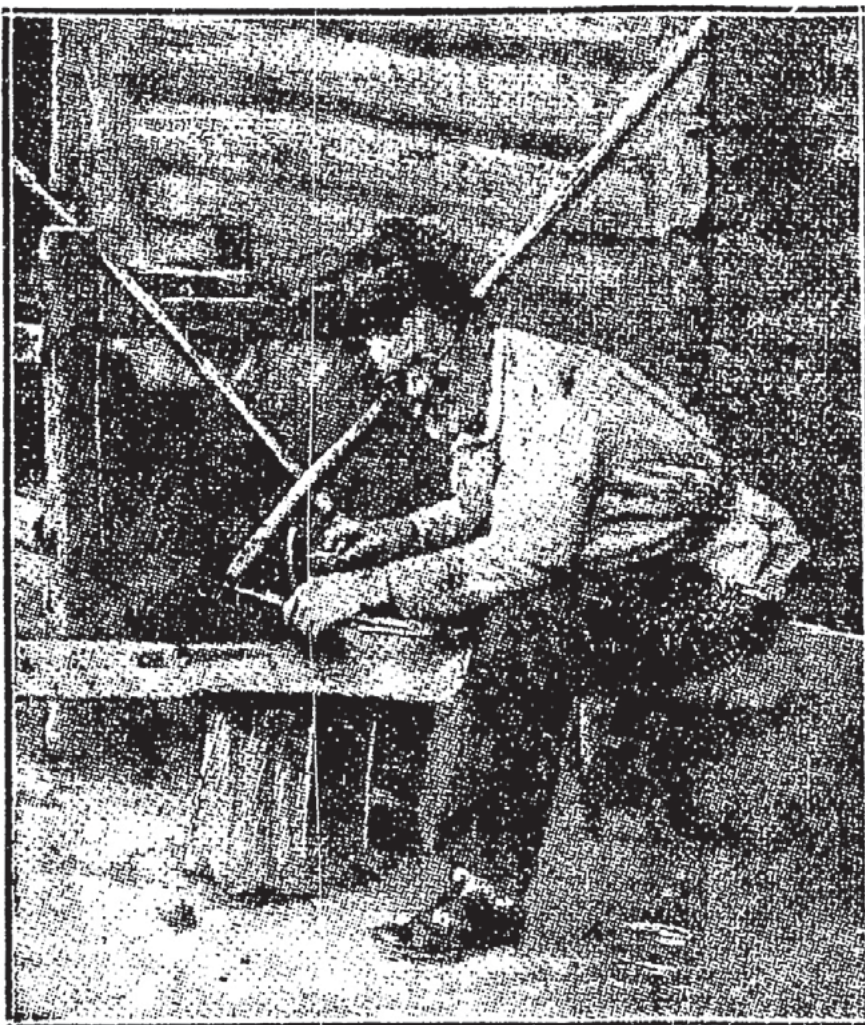
«Compreende-se: a corporação dos bombeiros de Londres é formidavel; mas Londres tem cinco milhões de habitantes e Lisboa tem apenas meio milhão. Ficará sendo a primeira do mundo em relação á importancia da cidade de Lisboa.»

Foi-nos ainda dito que quando o novo regulamento entrar em discussão na Camara, tenciona a Comissão introduzir-lhe mais algumas modificações, preenchendo lacunas e esclarecendo detalhes susceptiveis de escapar em trabalhos daquela natureza.

Faltou-nos apenas saber com que agua conta a C. M. L. para engorgitar as mangueiras novas. Mas, como a Camara trabalha e a corporação dos bombeiros ficará sendo a melhor do mundo, durma a população descansada. Com 800 homens a trabalhar e 100 apenas a ganhar dinheiro, até talvez se consiga apagar os incendios sem agua...

O PARAISO BOLCHEVISTA...

LIBERDADE: As torturas infligidas aos presos recordam a Inquisição e os contos de Edgar Poë

IGUALDADE: Lenine mora num palacio e vive numa cabana o Presidente da Republica

A republica federativa socialista dos «soviets» tem, naturalmente, um presidente. Nunca os leitores se lembraram disso? Pois o presidente é o sr. Kalenine, obscuro e modesto cidadão de barbichas, que ao tempo da implantação daquele paraizo cavava a terra e ceifava os trigos, pouco mais ou menos como o seu quasi homonimo sr. Lenine. Ora hoje o sr. Lenine vive num palacio... Mas o sr. Kalenine, fiel aos principios, mantem inalteravelmente os seus costumes pastorais. Quem o vê na gravura que reproduzimos, afiando a sua charrua, ha de concordar que o presidente das Russias é realmente uma figura pouco representativa. E por isso ninguem fala neste Cincinato moderno.

OS TURCOS VITORIOSOS

consideram os gregos aniquilados

Os kemalistas fizeram 20.000 prisioneiros e apreenderam importante material de guerra

UMA AMEAÇA DOS TURCOS AOS ALIADOS

PARIS, 11.—Tanto Fethi-bey, ministro do Interior do governo de Angora, actualmente em Roma, como Ferid-Pachá, enviado especial kemalista a Paris, declaram que não ha necessidade dum armisticio com os gregos, visto o exercito helenico ter desaparecido.

«Os turcos—afirmou Ferid-Pacha—estão dispostos a fazer a paz com os gregos, mas unicamente em harmonia com as resoluções da Assembleia Nacional de Angora. Os turcos tomarão represalias na Mesopotamia, se os aliados se recusarem a aceder aos seus pedidos e não quiserem evacuar Constantinopla».—Latino-Americana.

Refugiam-se no Pireu 9.000 homens do exercito grego da Asia Menor

PIREU, 11. — Procedentes de Smirna chegaram aqui 9.000 homens, pertencentes ao exercito da Asia Menor. Foram logo desarmados e enviados para suas casas.

Em Smirna reina um panico indescritivel.—H.

Foram esmagadoras as vitorias dos turcos durante a ofensiva

PARIS, 11.—Comunicam de Angora que os turcos apreenderam, até agora, aos exercitos gregos, 910 canhões, 1.200 camiões, 200 automoveis blindados, 5.000 metralhadoras, 450 vagões carregados de munições e 40.000 espingardas.

O numero dos prisioneiros gregos atinge 20.000.—Especial.

As tropas helenicas encontram-se a oito quilometros aquem de Smirna

LONDRES, 11.—As ultimas noticias de Atenas dizem que os gregos retiraram as suas forças para a linha do Budja, a cinco milhas de Smirna.

Os turcos bombardearam Turbali.—Especial.

AS REPARAÇÕES

Não deram resultado satisfatorio as negociações entre a Belgica e a Alemanha

BERLIM, 11.—As negociações entre o «Reich» e os delegados da Belgica, relativas ao estabelecimento de garantias para o pagamento das reparações, foram já dadas por concluidas, sem que tivessem produzido qualquer resultado satisfatorio.

O governo de Bruxelas não aceitou as propostas de garantias apresentadas pela Alemanha, em consequencia de as julgar absolutamente insuficientes.—Latino-Americana.

11 de Setembro. Biden empenhado em evitar outro ataque aos EUA

O presidente norte-americano, Joe Biden, participou ontem na cerimónia do 21.º aniversário dos ataques às torres gémeas, garantindo estar comprometido em evitar outro ataque contra os EUA: "Nunca esqueceremos, nunca desistiremos. O nosso compromisso de impedir outro ataque não tem fim". Biden foi acompanhado por familiares dos elementos de socorro que estiveram no Pentágono no dia do ataque.

EPA/MICHAEL REYNOLDS

Morreu o escritor Javier Marías, eterno candidato ao Nobel

ÓBITO "Deixa-nos um dos grandes escritores do nosso tempo", reagiu o PM espanhol Pedro Sánchez. Tinha 70 anos e sofria de doença pulmonar.

O escritor Javier Marías, autor de romances como *Coração tão branco* ou *Todas as almas*, morreu ontem, aos 70 anos, num hospital em Madrid, após o agravamento da doença pulmonar de que sofria.

Autor de dezasseis romances, entre os quais os premiados *O homem sentimental*, *Todas as almas* ou *Coração tão branco*, é um dos mais celebrados escritores de língua espanhola, constantemente apontado como candidato ao prémio Nobel da Literatura.

Marías escreveu ainda romances como *Amanhã na batalha pensa em mim* e *Berta Isla*, que foi premiado em Portugal, estando a sua obra largamente traduzida para português, onde era atualmente publicado pela Alfaguara Portugal (chancela da Penguin Random House).

O presidente do Governo espanhol, Pedro Sánchez, reagiu, considerando tratar-se de um dia triste para as letras espanholas: "Deixa-nos um dos grandes escritores do nosso tempo". "A sua imensa e talentosa obra será sempre parte fundamental da nossa literatura", manifestou o chefe do executivo espanhol na sua no Twitter.

Nascido em Madrid em 1951, foi galardoado ao longo da sua carreira com numerosos prémios, entre os quais, o Nacional de Literatura, que recusou, porque não acreditava que deva ser o Estado a atribuir esse tipo de galardões.

Ao terminar cada um dos seus romances ficava convencido de que não haveria um próximo, contou, porque lhe parecia impossível lançar-se novamente à tarefa de criar um mundo e personagens novos. Por isso, trabalhava cada página como se fosse a última.

Filho do filósofo Julián Marías, o autor madrileno publicou o seu primeiro romance – *Os domínios do lobo* - em 1971. O seu último livro, *Tomás Nevison*, foi publicado em março.

Romancista, mas também ensaísta e articulista, Marías foi professor na Universidade de Oxford e na Complutense de Madrid. A sua obra está traduzida para quarenta e seis línguas e publicada em cinquenta e nove países, com quase nove milhões de exemplares vendidos. **DN/LUSA**

BREVES

Suécia. Sociais democratas na frente à boca das urnas

O Partido Social Democrata (SAP), da primeira-ministra sueca, Magdalena Andersson, obteve o maior número de votos nas eleições parlamentares de ontem com 29,3% dos votos, de acordo com uma sondagem da televisão pública sueca STV. O partido de extrema-direita Democratas Suecos (SD) ficou em segundo lugar, com 20,5% dos votos, enquanto o Partido Moderado ficou com 18,8%, segundo a sondagem. De acordo com estes resultados, os sociais-democratas melhorariam os seus resultados em um ponto em comparação com as últimas eleições, enquanto os democratas suecos aumentariam em três pontos e os moderados cairiam um ponto. Em quarto lugar surge o Partido do Centro (7,7%), seguido pelo Partido da Esquerda (7%), o Partido Verde (5,8%), o Partido Democrático Cristão da Suécia (5,2%), e o Partido Liberal da Suécia (4,7%). Nesta base, uma possível coligação de centro-esquerda teria ganho 49,8% dos votos, enquanto a opção da direita teria ganho 49,2%. Em termos de mandatos, o centro-esquerda ganharia 176 assentos e a direita 173, de acordo com a projeção da STV. Os acertos de contas entre gangues, seguidos dos cuidados de saúde e da imigração, têm favorecido a subida do SD, um partido até há pouco anos isolado na cena política sueca.

Verstappen vence e pode ser campeão em Singapura

O neerlandês Max Verstappen (Red Bull), campeão do mundo de Fórmula 1, conquistou ontem a sua 11.ª vitória em 2022, no Grande Prémio de Itália, em Monza, e pode conquistar o segundo título já na próxima ronda, em Singapura. Verstappen reforçou a liderança do campeonato ao cruzar a meta atrás do *safety car*, com o tempo de 1:20.27,511 horas, com o monegasco Charles Leclerc (Ferrari) em segundo, a 2,446 segundos, e o britânico George Russell (Mercedes) em terceiro, a 3,405. A avaria no McLaren do australiano Daniel Ricciardo na volta 47 das 53 previstas precipitou um final inglório para um duelo que prometia, com os adeptos italianos a assobiarem a decisão da direção de corrida. O McLaren ficou parado entre as duas curvas de Lesmo, numa zona de reta, mas ainda com o lado esquerdo dentro do asfalto e engatado. Sem tempo para retirar o monolugar antes da bandeirada de xadrez, o pelotão acabou por cortar a meta em comboio atrás do *safety car*. A próxima etapa do Mundial, a 17.ª, está marcada para 2 de outubro, com o Grande Prémio de Singapura, onde Verstappen pode celebrar o seu segundo título seguido, a cinco corridas do fim, se vencer e Leclerc não for além do nono lugar, ou vencer com volta mais rápida e o monegasco não conseguir melhor que o oitavo posto.

Conselho de Administração Marco Galinha (Presidente), Domingos de Andrade, Guilherme Pinheiro, António Saraiva, Helena Maria Ferreira dos Santos Ferro de Gouveia, José Pedro Soeiro, Kevin Ho e Phillippe Yip **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretora** Rosália Amorim **Diretor-adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Data Protection Officer** António Santos **Diretor de Tecnologias e Sistemas de Informação** David Marques **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 28 571 441,25 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção e Patrícia Lourenço **Direção Comercial** Frederico Almeida Dias e Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital social:** KNJ Global Holdings Limited – 35,25%, Páginas Civilizadas, Lda. – 29,75%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 24,5%, Grandes Notícias, Lda. - 10,5% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023002 56027